

**CENTRO UNIVERSITÁRIO PARA O DESENVOLVIMENTO DO ALTO VALE DO
ITAJAÍ - UNIDAVI**

ANGÉLICA DAIANE HOEPERS

**A IMPORTÂNCIA DAS COOPERATIVAS AGROPECUÁRIAS PARA OS
PRODUTORES DO ALTO VALE DO ITAJAÍ**

RIO DO SUL

2022

**CENTRO UNIVERSITÁRIO PARA O DESENVOLVIMENTO DO ALTO VALE DO
ITAJAÍ - UNIDAVI**

ANGÉLICA DAIANE HOEPERS

**A IMPORTÂNCIA DAS COOPERATIVAS AGROPECUÁRIAS PARA OS
PRODUTORES DO ALTO VALE DO ITAJAÍ**

Trabalho de Conclusão de Curso a ser apresentado ao curso de Ciências Econômicas, da Área das Ciências Socialmente Aplicáveis, do Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí, como condição parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientador: Prof. Me. Daniel Rodrigo Strelow

RIO DO SUL

2022

**CENTRO UNIVERSITÁRIO PARA O DESENVOLVIMENTO DO ALTO VALE DO
ITAJAÍ - UNIDAVI**

ANGÉLICA DAIANE HOEPERS

**A IMPORTÂNCIA DAS COOPERATIVAS AGROPECUÁRIAS PARA OS
PRODUTORES DO ALTO VALE DO ITAJAÍ**

Trabalho de Conclusão de Curso a ser apresentado ao curso de Ciências Econômicas, da Área das Ciências Socialmente Aplicáveis, do Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí- UNIDAVI, a ser apreciado pela Banca Examinadora, formada por:

Orientador: Prof. Me. Daniel Rodrigo Strelow

Banca Examinadora:

Prof.^a M.^a Anielle Gonçalves de Oliveira

Prof. Leocádio Meneghelli

Rio do Sul, 30 de novembro de 2022.

“Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível”.

Thomas Jefferson

Este Trabalho de Conclusão de Curso é especialmente dedicado a Deus, fonte de fé, amor e sabedoria.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me fortalecer nesta caminhada, por ter me concedido saúde, coragem e motivação para concluir este trabalho e por jamais ter me abandonado nos momentos difíceis.

De forma especial agradeço aos meus pais Salésio e Zoleide, por todo o apoio, motivação e por ter me ensinado a respeitar, ter ética e ser honesta com as pessoas. A meu irmão Jeferson e minha cunhada Joice, por sempre estar disposto a me ajudar e pelos exemplos de dedicação e persistência para conseguir chegar neste momento importante da minha vida. A família é o alicerce do que somos, por isso, agradeço a eles pela pessoa que sou hoje.

Agradeço também meu namorado Warley, que jamais negou apoio, carinho e incentivo. Desdobrou-se em esforços para me ajudar durante a elaboração desse trabalho. Muito Obrigada por manter a casa limpa, fazer nossa janta e ainda ouvir minhas lamentações. Sem você do meu lado, esse trabalho não seria possível.

A todos meus colegas que seguiram comigo nesta caminhada dedicada aos estudos. Mas, agradeço em especial as minhas amigas Milena e Milene, que sempre me auxiliaram com as matérias que tive um pouco de dificuldade, e com elas também aprendi que acima de tudo, somos seres humanos, capazes de dialogar de forma construtiva trazendo benefícios para ambos. É neste sentido de cooperação, apoio e união que os guardarei para sempre em minha vida.

Agradeço aos professores, pelos ensinamentos compartilhados. Agradeço em especial a Prof. Anielle e ao meu orientador Prof. Daniel por me guiar e possibilitar que este trabalho fosse desenvolvido. O auxílio de vocês desencadeou em mim a compreensão de como realizar o trabalho científico, agregando conhecimentos que ficarão guardados em minha mente para sempre.

Agradeço aos cooperados da Cravil envolvidos nesta pesquisa, pela atenção e informações relevantes para os propósitos do estudo. Por fim, agradeço a todos que contribuíram de alguma maneira para a realização deste trabalho.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi elaborado para apresentar a importância do cooperativismo agropecuário para a região do Alto Vale do Itajaí, pois as cooperativas vêm ganhando espaço no meio rural e se constituindo em uma forma de agregar pessoas e inserir no mercado os produtos e resultados de seus trabalhos. O objetivo principal é analisar como o cooperativismo agropecuário influencia no desenvolvimento da região do Alto Vale do Itajaí, através da opinião dos associados da Cravil e também contextualizar historicamente como a Cravil iniciou suas atividades no Alto Vale do Itajaí. Para alcançar tal feito, foi aplicada uma pesquisa junto aos associados da Cravil, bem como, contou-se com o auxílio da Cooperativa Regional Agropecuária Vale do Itajaí, para coletar informações relevantes. Complementou esta análise a pesquisa bibliográfica sobre os temas da agricultura familiar, economia solidária e do cooperativismo. A partir dos dados se pode compreender melhor a importância do cooperativismo e pode-se observar que a Cravil tem como referência o desenvolvimento sustentável, econômico, ambiental e social de seus associados, colaboradores e comunidade em geral. Os resultados da pesquisa aplicados com os associados da Cravil apontaram que grande parte percebe uma boa contribuição da própria cooperativa, das suas ações sociais e ambientais para o desenvolvimento, ajudando também na melhor colocação do produto no mercado consumidor, oferecendo incentivos e preços mais justos, contribuindo para o desenvolvimento sustentável e social da comunidade que está inserida e ainda investe na profissionalização e integração de crianças, jovens e mulheres. Os ganhos com o cooperativismo na região são enormes mesmo que, ao olhar de alguns entrevistados as vantagens não sejam tão evidentes.

Palavras-Chave: Agricultura. Cooperativismo. Economia.

ABSTRACT

This End of Course Work was elaborated to present the importance of the agricultural cooperativism for the Alto Vale do Itajaí region, because the cooperatives have been gaining space in the rural environment and have become a way to aggregate people and insert the products and results of their work in the market. The main objective is to analyze how the agricultural cooperativism influences the development of the Alto Vale do Itajaí region, through the opinion of the members of Cravil, and also to contextualize historically how Cravil started its activities in Alto Vale do Itajaí. To achieve this, a survey was applied to Cravil's associates, as well as, the help of the Regional Agricultural Cooperative Vale do Itajaí, to collect relevant information. This analysis was complemented by bibliographic research on the themes of family agriculture, solidarity economy, and cooperativism. From the data one can better understand the importance of the cooperativism and it can be observed that Cravil has as a reference the sustainable, economic, environmental and social development of its members, collaborators and the community in general. The results of the survey applied to Cravil members pointed out that most of them perceive a good contribution of the cooperative itself, of its social and environmental actions for development, also helping to better place the product in the consumer market, offering incentives and fairer prices, contributing to the sustainable and social development of the community it is inserted in and invests in the professionalization and integration of children, young people, and women. The gains from cooperativism in the region are enormous even if, in the eyes of some interviewees, the advantages are not so obvious.

Key-words: Agriculture. Cooperativism. Economy.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Sexo dos Entrevistados	35
Gráfico 2 - Autodeclaração de Cor/Raça dos Entrevistados	36
Gráfico 3 - Idade dos Entrevistados	36
Gráfico 4 - Nível de Escolaridade dos Entrevistados	37
Gráfico 5 - Município de Residência dos Entrevistados	38
Gráfico 6 - Tempo de Associação dos Entrevistados	39
Gráfico 7 - Como o Entrevistado Soube da Cravil	39
Gráfico 8 - Frequência Que Utiliza Os Produtos/Serviços.....	40
Gráfico 9 - Motivos que fazem o entrevistado negociar com a Cravil.....	41
Gráfico 10 - Ações Sociais que o Entrevistado Participa.....	42
Gráfico 11 - Contribuição das Ações Sociais para o Desenvolvimento das Comunidades	42
Gráfico 12 - Conhecimento das Ações Ambientais.....	43
Gráfico 13 - Contribuição das Coletas de Embalagens de Agrotóxicos para o Meio Ambiente	44
Gráfico 14 - Contribuição das Ações Ambientais para o Desenvolvimento Sustentável	44
Gráfico 15 - Facilidade em Comercializar a Produção	45
Gráfico 16 - Preços Mais Justos por ser Cooperado.....	46
Gráfico 17 - Contribuição da Cravil para o Desenvolvimento da Agricultura na Região.....	46
Gráfico 18 - Contribuição do Cooperativismo Agropecuário para o Desenvolvimento das comunidades	47
Gráfico 19 - Contribuição das Cravil para o Desenvolvimento Econômico	48

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Princípios Gerais da Economia Solidária.....	20
Quadro 2 - Princípios Específicos da Economia Solidária.....	21
Quadro 3 - Princípios do Cooperativismo	24
Quadro 4 - Diferenças entre uma Cooperativa e uma Empresa Mercantil.....	25

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Panorama do Cooperativismo Agropecuário em Santa Catarina 2019 - 2021 (*1.000,00)	29
Tabela 2 - Panorama das Ações Sociais da Cravil	34

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNDS	Banco Nacional de Desenvolvimento
CRAVIL	Cooperativa Regional Agropecuária Vale do Itajaí
OCB	Organização das Cooperativas Brasileiras
OCESC	Sindicato e Organização das Cooperativas do Estado de Santa Catarina
PROVAP	Programa de Valorização da Pequena Produção Rural
SESCOOP	Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA	14
1.2 OBJETIVOS	14
1.2.1 Geral	14
1.2.2 Específicos	14
1.3 JUSTIFICATIVA	15
1.4 ESTRUTURA DA PESQUISA	15
2. REFERENCIAL TEÓRICO	17
2.1 AGRICULTURA FAMILIAR	17
2.2 ECONOMIA SOLIDÁRIA	19
2.3 COOPERATIVISMO	22
2.4 COOPERATIVISMO AGROPECUÁRIO	25
2.5 A IMPORTÂNCIA DO COOPERATIVISMO PARA A AGRICULTURA FAMILIAR	26
2.6 A CONTRIBUIÇÃO DAS COOPERATIVAS NO ACESSO AOS MERCADOS PARA COMERCIALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO FAMILIAR	28
2.7 COOPERATIVISMO AGROPECUÁRIO EM SC	28
2.8 CRAVIL	29
3. METODOLOGIA DA PESQUISA	31
4. RESULTADOS DA IMPORTÂNCIA DAS COOPERATIVAS AGROPECUÁRIAS PARA OS PRODUTORES DO ALTO VALE DO ITAJAÍ	33
4.1 PANORAMA DAS AÇÕES SOCIAIS E AMBIENTAIS REALIZADAS PELA CRAVIL	33
4.2 RESULTADOS DO FORMULÁRIO APLICADO COM OS ASSOCIADOS DA CRAVIL	35
5. CONCLUSÃO	49
REFERÊNCIAS	51
ANEXOS	53

1. INTRODUÇÃO

Registra-se que o cooperativismo, sinônimo de economia solidária, surgiu imediatamente após o capitalismo industrial, de forma que Singer (2002) registra que a sua prática é devida ao grande empobrecimento dos artesãos, em função da ampliação do uso de máquinas, assim como da produção fabril organizada. Em tal contexto, a exploração do trabalho em fábricas não era limitada legalmente, comprometendo-se a ampliação da prole dos trabalhadores, tendo em vista que a extensa e degradante jornada de trabalho conduzia ao esgotamento físico dos operários.

Neste contexto, tem-se que o cooperativismo agrícola visa constituir a rede voltada à subsistência dos participantes, visando-se não a lucratividade para si, mas para quem está no grupo. Assim, cria-se a cooperativa agrícola através da participação de diversos produtores rurais, os quais reúnem-se com objetivos comuns, criando-se a estrutura propiciadora da produção agrícola, facilitando o acesso aos mercados e realizando a competitividade. Considerando a definição e função de associativismo, segundo Frantz (2012, p. 41):

Acredito também que o associativismo e o cooperativismo são práticas sociais com validade atual e pertinentes à realidade de um mundo em transformação. O seu sentido econômico lhe empresta importância política e social. Para muitas pessoas, ou grupos sociais, hoje, a associação e a cooperação tornam-se, novamente, elementos fundamentais à construção de seus espaços de vida.

Diante desta realidade, em 1971, surge a Cooperativa Regional Agropecuária do Vale do Itajaí (CRAVIL), situando-se na cidade de Rio do Sul, em função da privilegiada localização geográfica. Nos dias atuais, há mais de 4 mil cooperados, em uma estrutura voltada ao atendimento de mais de quarenta municípios, com cinquenta e cinco unidades, incluindo lojas agrícolas, supermercados e unidades que recebem e beneficiam leite e cereais principalmente na região do Alto Vale do Itajaí. (CRAVIL, 2022)

O Alto Vale do Itajaí é uma região muito acolhedora situada no Estado de Santa Catarina, na região sul do Brasil. Nesta região a diversidade cultural é muito grande em um curto espaço territorial, sendo colonizada especialmente por alemães, italianos e poloneses que vivem nestas terras há muitas décadas e possuem uma característica muito forte: o trabalho.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

O cooperativismo vem conquistando espaço na sociedade, segundo Feijó (2011, p. 211):

As cooperativas agropecuárias normalmente apresentam resultados expressivos quanto ao seu número, ao número de cooperados e de empregados. Tais cooperativas são responsáveis por elevado volume de produção, comercializado não apenas no mercado interno, mas também exportado.

No Alto Vale do Itajaí não é diferente, apesar de seu crescimento e desenvolvimento urbano, ainda possui uma forte predominância da cultura agrícola, hoje bastante diversificada. Neste contexto, a Cravil vem desempenhando um papel valioso, facilitando o beneficiamento de matérias-primas e a comercialização de arroz e feijão.

A Cooperativa Agropecuária Vale do Itajaí foi fundada em 1971 a partir de cinco pequenas cooperativas já existentes em diferentes municípios do Alto Vale do Itajaí. Atualmente a Cravil conta com 4 mil cooperados e 55 unidades distribuídas em 40 municípios da região, entre essas unidades 37 delas são lojas agrícolas e supermercados e 17 são unidades de recebimento de cereais e leite prontas para atender o homem do campo.

Neste contexto, a questão de pesquisa do presente estudo é: de que forma a Cravil impacta na vida dos cooperados do Alto Vale do Itajaí no período recente?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 GERAL

Analisar a importância do cooperativismo agropecuário para o desenvolvimento da região do Alto Vale do Itajaí no período recente, a partir da ótica dos associados da Cravil.

1.2.2 ESPECÍFICOS

- Analisar a relação entre cooperativismo agropecuário, a sociedade e o desenvolvimento econômico.

- Contextualizar historicamente como a Cravil iniciou suas atividades no Alto Vale do Itajaí;
- Entender a contribuição do cooperativismo agropecuário para o desenvolvimento da agricultura familiar a partir da percepção dos associados/cooperados da Cravil.

1.3 JUSTIFICATIVA

O cooperativismo tem sido um dos precursores do desenvolvimento da agricultura familiar catarinense. Percebe-se que ela desempenha um papel primordial nas localidades onde atua e ainda permite a transformação do pequeno produtor em empresário rural, além de agregar conhecimentos e melhorias para a produção e qualidade de vida, através de assistência técnica.

O estudo desse tema voltado para a região do Alto Vale do Itajaí possibilita que as famílias tragam suas opiniões acerca da importância do cooperativismo para o desenvolvimento da comunidade, as estratégias e as contribuições da gestão cooperativista.

Existe uma real necessidade de trazer para o cenário acadêmico, tanto para o aluno, quanto para a própria universidade, a importância que este estudo tem, como meio de desenvolvimento regional. Através das pesquisas, é possível perceber como o associado enxergam as vantagens que uma cooperativa como a Cravil, pode trazer para a região. Esse tema também se torna relevante para a própria cooperativa, pois possibilitará uma análise mais profunda do impacto que ela causa na vida dos cooperados, se está contribuindo para as devidas melhorias.

Para a pesquisadora o tema também se torna importante, pois como funcionária da cooperativa, observará por consequência de seu trabalho os benefícios e o que pode ser melhorado.

1.4 ESTRUTURA DA PESQUISA

O trabalho é composto por basicamente cinco partes: a primeira é composta pela introdução com suas subdivisões referentes ao tema, dando um breve relato sobre economia solidária, cooperativismo e agricultura familiar. Logo após cita-se o problema de pesquisa,

objetivos, justificativa e uma breve contextualização da empresa referência da pesquisa de campo.

Em seguida apresenta-se o atual capítulo, o referencial teórico, compondo teorias sobre a Economia Solidária; Agricultura Familiar que é caracterizado pelo cultivo da terra de pequenos proprietários rurais e a mão de obra utilizada é do núcleo familiar; o Cooperativismo que tem como definição um grupo de pessoas com interesses em comum, citando um exemplo de cooperativa na região do Alto Vale do Itajaí, a CRAVIL.

Na sequência são abordados os procedimentos metodológicos contemplando a classificação da pesquisa e sua trajetória. A quarta parte constitui-se da apresentação e discussão dos resultados da pesquisa. Após apresentam-se as considerações finais, as referências bibliográficas utilizadas para os embasamentos do trabalho.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo foi dividido em seções que são: Economia Solidária, Agricultura Familiar, Cooperativismo e Cooperativismo Agropecuário, a importância do cooperativismo e como ela contribui para o desenvolvimento da região. Dentro do tema cooperativismo agropecuário será abordado um exemplo de cooperativa do Alto Vale do Itajaí, isto é, a Cravil, que compõem o eixo central do trabalho por ser a base da pesquisa de campo realizada.

2.1 AGRICULTURA FAMILIAR

Definir um conceito sobre o termo agricultura familiar, se torna um exercício complexo devido à grande abrangência de formas de trabalho familiar que o termo engloba. Esse método teve início lá no período neolítico principalmente, a uns 12 mil anos atrás, onde existiam os agrupamentos familiares que já praticavam desde então algum tipo de manejo produtivo do solo, elaboradas a partir do momento que o homem percebeu que as sementes quando plantadas faziam o processo de germinação e perceberam que animais poderiam ser domesticados. Com isso, tivemos um lento processo de uso e apropriação do meio natural (PINHO, 2002).

Esta breve descrição sobre a história das agriculturas no mundo é fundamental para compreender como ocorreu a ocupação de terras no Brasil e a formação da classe social de agricultores. Pasqualotto, Kaufmann e Wizniewsky (2019, p. 12) afirmam que “foi no neolítico — há menos de 10.000 anos — que ele começou a cultivar as plantas e criar animais, que ele mesmo domesticou, introduziu e multiplicou em todos os tipos de ambiente, transformando os ecossistemas naturais originais.” Um período de grande importância e um marco para a história da sociedade.

Pasqualotto, Kaufmann e Wizniewsky (2019, p. 17) ainda afirmam:

A exploração dos diferentes ecossistemas provenientes do desmatamento, exigiu a criação de instrumentos variados, conforme a necessidade de cada região do mundo, assim como exigiu que cada uma dessas regiões desenvolvesse modos de cultivo e de criação diferenciados, apropriados às novas condições ecológicas e características de cada um dos grandes sistemas agrários em gestação.

Devido a isso, ocorreu a formação de diversos sistemas agrários aqui no Brasil. Estas novas formas de agricultura impulsionam novas formas de organização social. Também os agricultores começaram a elaborar práticas para manter e aumentar a qualidade dos solos. Podemos dizer que o meio natural sempre teve essa importância para a atividade econômica e também para o desenvolvimento e formação da sociedade. E as técnicas de cultivo e as tecnologias adotadas com o passar dos anos permitiram um crescimento na produção e a existência de excedentes que permitiram fazer a comercialização.

A agricultura familiar, como podemos observar, não é uma categoria social recente e pode ser compreendida Segundo relata Wanderley (1996, p. 02) como “aquela em que a família, ao mesmo tempo em que é proprietária dos meios de produção, assume o trabalho no estabelecimento produtivo”.

Em conformidade com a Lei Federal n ° 11.326/2006, destacam-se propriedades tidas como elementares para caracterizarem-se como agricultores familiares: "(i) não possuir área maior do que quatro módulos fiscais; (ii) a mão de obra utilizada nas atividades econômicas ser predominantemente familiar e (iii) o maior percentual da renda ser obtido das atividades econômicas do estabelecimento" (BRASIL, 2006). Nesta realidade, tem-se que a agricultura familiar trata-se da função desempenhada por agricultores com enquadramento na Lei Federal n ° 11.326/2006, não inseridos na reforma agrária.

A agricultura familiar é a principal fonte de ocupação de força de trabalho no meio rural brasileiro e grande parte da produção de alimentos no Brasil. De acordo com o Censo Agropecuário de 2017, a agricultura familiar empregava mais de 10 milhões de pessoas, o que representa 67% do total de pessoas ocupadas na agropecuária, o que representava um valor bem significativo. Ela contribui também na oferta de alimentos para os lares brasileiros, onde cerca de 80% dos alimentos consumidos regularmente pelas famílias de todo o país são oriundos da agricultura familiar.

Outro fator importante, segundo Pasqualotto, Kaufmann e Wizniewsky (2019, p. 35):

[...] é que o termo agricultura familiar funciona como uma espécie de termo “guarda-chuva”, englobando diversas manifestações sociais ligadas ao campo brasileiro, tais como os índios, negros, mestiços, brancos não herdeiros e imigrantes europeus, que ora eram chamados de pequenos agricultores do Brasil.

As discussões a respeito da relevância da função da agricultura familiar, tendo em vista o desenvolvimento econômico, obtém representação com o decurso temporal,

promovendo-se, destacadamente devido ao entendimento de longa duração, geração de renda e emprego, desenvolvimento local e segurança alimentar.

Na realidade da economia brasileira, os agricultores familiares, por vezes, ainda demandam da assistência técnica e de informações no sentido de darem acesso aos programas das políticas públicas, não tidas como elementares para aprimoramento, ampliação e qualificação, inclusive na produção, relatam Bueno (2014) e Silva (2014). Ademais, outros fatores limitantes são vislumbrados pelos agricultores familiares, como área de terra reduzida, assistência técnica e extensão rural insuficiente, assim como reduzida disponibilidade de recursos financeiros, dificuldades de acessar o mercado, assim como fatores limitantes para atingir a competitividade e a geração de progresso das propriedades (DE PAULA et al., 2014).

2.2 ECONOMIA SOLIDÁRIA

A economia solidária definida por Gaiger e Laville (2009, p. 162) diz que:

[...] é um conceito amplamente utilizado em vários continentes, com acepções variadas que giram ao redor da ideia de solidariedade, em contraste com o individualismo utilitarista que caracteriza o comportamento econômico predominante nas sociedades de mercado.

O professor e economista Paul Singer, considerado um dos mais importantes nomes que debate esse tema no Brasil afirma que, “a economia solidária é outro modo de produção, cujos princípios básicos são a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual” (SINGER, 2002, p. 10).

Segundo Singer (2002, p. 24), “a economia solidária nasceu pouco depois do capitalismo industrial, como reação ao espantoso empobrecimento dos artesãos provocado pela difusão das máquinas e da organização fabril da produção.” Ou seja, a economia solidária não é considerada um novo campo de trabalho, mas sim, uma reação ao capitalismo industrial. Esse modelo de economia foi evoluindo, pois após a crise muitas empresas foram adquiridas por seus próprios trabalhadores, que já haviam sido incentivados, de acordo com Singer (2002) por industriais mais esclarecidos como o britânico Robert Owen, proprietário de um imenso complexo têxtil em New Lanark, que propuseram leis de proteção aos trabalhadores e incentivando a criar aldeias em torno da indústria. Dado os acontecimentos de crise eles tomaram para si e a transformaram em cooperativas.

Dessa forma, a economia solidária tem uma estreita relação com o cooperativismo, já que as cooperativas são essencialmente empresas solidárias. Através delas ocorre a emergência dos atores sociais, ou seja, a emancipação de trabalhadoras e trabalhadores como sujeitos históricos. (FARIAS; GIL, 2013, p.18).

De acordo com Gaiger e Laville (2009, p. 162) “As expressões da economia solidária multiplicaram-se rapidamente, em diversas formas” entre elas o cooperativismo, uma importante forma de associação, propondo diversas formas de trabalho associado a fim de alcançar objetivos comuns e contribuindo para erradicar a pobreza.

Em tal realidade, tem-se o Quadro 1, demonstrando os Princípios Gerais de Economia Solidária e o Quadro 02 apresentando os Princípios Específicos da Economia Solidária:

Quadro 1 - Princípios Gerais da Economia Solidária

1	<ul style="list-style-type: none"> • A valorização social do trabalho humano.
2	<ul style="list-style-type: none"> • A satisfação plena das necessidades de todos como eixo da criatividade tecnológica e da atividade econômica.
3	<ul style="list-style-type: none"> • O reconhecimento do lugar fundamental da mulher e do feminino numa economia fundada na solidariedade.
4	<ul style="list-style-type: none"> • A busca de uma relação de intercâmbio respeitosa com a natureza, e os valores da cooperação e da solidariedade.
5	
6	<ul style="list-style-type: none"> • A Economia Solidária constitui o fundamento de uma globalização humanizadora, de um desenvolvimento sustentável, socialmente justo e voltado para a satisfação racional das necessidades de cada um e de todos os cidadãos da Terra seguindo um caminho intergeracional de desenvolvimento sustentável na qualidade de sua vida.
7	<ul style="list-style-type: none"> • O valor central da economia solidária é o trabalho, o saber e a criatividade humanos e não o capital-dinheiro e sua propriedade sob quaisquer de suas formas.
8	<ul style="list-style-type: none"> • A Economia Solidária representa práticas fundadas em relações de colaboração solidária, inspiradas por valores culturais que colocam o ser humano como sujeito e finalidade da atividade econômica, em vez da acumulação privada de riqueza em geral e de capital em particular.
9	<ul style="list-style-type: none"> • A Economia Solidária busca a unidade entre produção e reprodução, evitando a contradição fundamental do sistema capitalista, que desenvolve a produtividade, mas exclui crescentes setores de trabalhadores do acesso aos seus benefícios.
10	<ul style="list-style-type: none"> • A Economia Solidária busca outra qualidade de vida e de consumo, e isto requer a solidariedade entre os cidadãos do centro e os da periferia do sistema mundial.
11	<ul style="list-style-type: none"> • Para a Economia Solidária, a eficiência não pode limitar-se aos benefícios materiais de um empreendimento, mas se define também como eficiência social, em função da qualidade de vida e da felicidade de seus membros e, ao mesmo tempo, de todo o ecossistema.
	<ul style="list-style-type: none"> • A Economia Solidária é um poderoso instrumento de combate à exclusão social, pois

12	apresenta alternativa viável para a geração de trabalho e renda e para a satisfação direta das necessidades de todos, provando que é possível organizar a produção e a reprodução da sociedade de modo a eliminar as desigualdades materiais e difundir os valores da solidariedade humana.
----	---

Fonte: FBES (2005).

Quadro 2 - Princípios Específicos da Economia Solidária

	<p>Por um sistema de finanças solidárias:</p> <p>1 ● Para a Economia Solidária o valor central é o direito das comunidades e nações à soberania de suas próprias finanças. São alguns dos elementos fomentadores de uma política autogestionária de financiamento do investimento do nível local ao nacional.</p> <p>2 ● A nível local, micro, territorial: os bancos cooperativos, os bancos éticos, as cooperativas de crédito, as instituições de microcrédito solidário e os empreendimentos mutuários, todos com o objetivo de financiar seus membros e não concentrar lucros através dos altos juros, são componentes importantes do sistema socioeconômico solidário, favorecendo o acesso popular ao crédito baseados nas suas próprias poupanças.</p> <p>3 ● A nível nacional, macro, estrutural: a descentralização responsável das moedas circulantes nacionais e o estímulo ao comércio justo e solidário utilizando moedas comunitárias; o consequente empoderamento financeiro das comunidades; o controle e a regulação dos fluxos financeiros para que cumpram seu papel de meio e não de finalidade da atividade econômica; a imposição de limites às taxas de juros e aos lucros extraordinários de base monopólica, o controle público da taxa de câmbio e a emissão responsável de moeda nacional para evitar toda atividade especulativa e defender a soberania do povo sobre seu próprio mercado.</p>
	<p>Pelo desenvolvimento de Cadeias Produtivas Solidárias:</p> <p>4 ● Articulando o consumo solidário com a produção, a comercialização e as finanças, de modo orgânico e dinâmico e do nível local até o global, a economia solidária amplia as oportunidades de trabalho e intercâmbio para cada agente sem afastar a atividade econômica do seu fim primeiro, que é responder às necessidades produtivas e reprodutivas da sociedade e dos próprios agentes econômicos.</p> <p>5 ● Consciente de fazer parte de um sistema orgânico e abrangente, cada agente econômico busca contribuir para o progresso próprio e do conjunto, valorizando as vantagens cooperativas e a eficiência sistêmica que resultam em melhor qualidade de vida e trabalho para cada um e para todos.</p> <p>6 ● A partilha da decisão com representantes da comunidade sobre a eficiência social e os usos dos excedentes, permite que se faça investimentos nas condições gerais de vida de todos e na criação de outras empresas solidárias, outorgando um caráter dinâmico à reprodução social.</p> <p>7 ● A Economia Solidária propõe a atividade econômica e social enraizada no seu contexto mais imediato, e tem a territorialidade e o desenvolvimento local como marcos de referência, mantendo vínculos de fortalecimento com redes da cadeia produtiva (produção, comercialização e consumo)</p>

8	<p>espalhadas por diversos países, com base em princípios éticos, solidários e sustentáveis.</p> <ul style="list-style-type: none"> ● A economia solidária promove o desenvolvimento de redes de comércio a preços justos, procurando que os benefícios do desenvolvimento produtivo sejam repartidos mais equitativamente entre grupos e países.
9	<ul style="list-style-type: none"> ● A economia solidária, nas suas diversas formas, é um projeto de desenvolvimento destinado a promover as pessoas e coletividades sociais a sujeito dos meios, recursos e ferramentas de produzir e distribuir as riquezas, visando a suficiência em resposta às necessidades de todos e o desenvolvimento genuinamente sustentável.
	<p>Pela construção de uma Política da Economia Solidária num Estado Democrático:</p>
10	<ul style="list-style-type: none"> ● A Economia Solidária é também um projeto de desenvolvimento integral que visa a sustentabilidade, a justiça econômica, social, cultural e ambiental e a democracia participativa.
11	<ul style="list-style-type: none"> ● A Economia Solidária estimula a formação de alianças estratégicas entre organizações populares para o exercício pleno e ativo dos direitos e responsabilidades da cidadania, exercendo sua soberania por meio da democracia e da gestão participativa.
12	<ul style="list-style-type: none"> ● A Economia Solidária exige o respeito à autonomia dos empreendimentos e organizações dos trabalhadores, sem a tutela de Estados centralizadores e longe das práticas cooperativas burocratizadas, que suprimem a participação direta dos cidadãos trabalhadores.
13	<ul style="list-style-type: none"> ● A economia solidária, em primeiro lugar, exige a responsabilidade dos Estados nacionais pela defesa dos direitos universais dos trabalhadores, que as políticas neoliberais pretendem eliminar.
14	<ul style="list-style-type: none"> ● Preconiza um Estado democraticamente forte, empoderado a partir da própria sociedade e colocado ao serviço dela, transparente e fidedigno, capaz de orquestrar a diversidade que a constitui e de zelar pela justiça social e pela realização dos direitos e das responsabilidades cidadãs de cada um e de todos.
15	<ul style="list-style-type: none"> ● O valor central é a soberania nacional num contexto de interação respeitosa com a soberania de outras nações. O Estado democraticamente forte é capaz de promover, mediante do diálogo com a Sociedade, políticas públicas que fortalecem a democracia participativa, a democratização dos fundos públicos e dos benefícios do desenvolvimento.
16	<ul style="list-style-type: none"> ● Assim, a Economia Solidária pode constituir-se em setor econômico da sociedade, distinto da economia capitalista e da economia estatal, fortalecendo o Estado democrático com a irrupção de novo ator social autônomo e capaz de avançar novas regras de direitos e de regulação da sociedade em seu benefício.

Fonte: FBES (2005).

2.3 COOPERATIVISMO

Face ao empobrecimento massivo e ampliado e da mortalidade dos trabalhadores fabris, grupos mais esclarecidos deram início à proposição de leis protetivas aos proletários,

como Robert Owen, que sugeriu a redução da jornada de trabalho e a proibição do emprego para crianças (SINGER, 2002).

No início do período de guerras europeias, em função da Revolução Francesa, encerrada em 1815, posteriormente à vitória dos britânicos frente aos franceses, de forma que a economia da Grã-Bretanha ficou altamente comprometida. No sentido de dar auxílio às vítimas da pobreza e do desemprego, com o objetivo de obter o restabelecimento da ampliação da atividade econômica, ocorreu a apresentação de um plano, criado por Owen, com vistas a garantir o sustento das pessoas pobres, visando-se o investimento dos referidos fundos na aquisição de terras e construção de aldeias cooperativas (SINGER, 2002).

Estas aldeias comportariam, aproximadamente, 1.200 indivíduos, os quais realizariam seu trabalho na indústria e nas terras, para a sua subsistência, de forma que o excedente de produção permutar-se-ia entre aldeias, mas o governo da Grã-Bretanha decidiu não dar seguimento ao plano (SINGER, 2002).

No ano de 1824, Owen seguiu para os Estados Unidos, almejando constituir aldeias cooperativas em meios sociais mais viáveis, com o objetivo de construir uma sociedade voltada para a modernidade. Em 1825, foi constituída a primeira aldeia no Estado da Indiana, em New Harmony, na qual, não foi uma experiência exitosa, apesar de ser implementada em mais dezoito comunidades (SINGER, 2002).

Entretanto, os discípulos de Owen formaram sociedades cooperativas, oriundas, em significativa parte, dos sindicatos. A primeira cooperativa constituída, sob os ideais de Owen, foi composta por George Mudie, tratando-se da associação de gráficos e jornalistas, organizando-se uma sociedade no sentido de sobreviverem em função dos ganhos advindos de suas profissões, implicando no surgimento do primeiro jornal cooperativo o *The Economist*, surgido entre os anos de 1821 e 1822 (SINGER, 2002).

No início do século XIX, diversos empreendimentos cooperativos foram surgindo, sendo poucos a vingarem, visto que não eram possíveis o seu progresso e a sua emancipação. Somente em meados do século XIX, na Inglaterra, em Rochdale, surgiu o primeiro empreendimento de cooperativa consolidado, formado por 28 pessoas, cada uma com linha de capital em quotas, consistindo em um armazém voltado à aquisição alimentícia, visando-se menor preço, afirma Benato (1994).

Esta associação possibilitou que os trabalhadores se respaldassem exitosamente dos estabelecimentos econômicos e sociais da economia capitalista, que os levava à precariedade e pobreza extrema. Em função do sucesso da cooperativa de consumo de operários, ocorreu o

impulsionamento de outros grupos, os quais passaram a se organizarem como cooperativistas (BENATO, 1994).

Registre-se que no século XX, ocorreu a difusão do cooperativismo, estimando-se o quantitativo de 810.000 cooperativas em todo o mundo, com aproximadamente 140 milhões de cooperantes, afirma Pinho (2000).

O surgimento de cooperativas sob o ideal de Owen encontrava-se associado à luta de classes, de maneira que assumiu-se o owenismo como movimento cooperativo e sindical dos trabalhadores. Isto trata-se da origem histórica do cooperativismo, de maneira que Singer (2002) relata que neste cenário, momento no qual nasce o cooperativismo revolucionário, evidencia-se a associação entre crítica socialistas e operária do capitalismo e economia solidária.

É possível afirmar que as cooperativas são apresentadas na literatura especializada, de forma que não se restringe à organização social no sentido de compor uma modalidade de inclusão econômica e social, mas é a cooperação associada voltada à coletividade, visando-se propulsionar a manifestação dos cooperados, superando expectativas, criando novas realidades (RENATO, 1994).

O Quadro 03 demonstra os 7 Princípios do Cooperativismo, que possuem como finalidade fontes orientadoras da ação:

Quadro 3 - Princípios do Cooperativismo

1	• Adesão voluntária e livre.
2	• Gestão democrática.
3	• Participação econômica dos membros.
4	• Autonomia e independência.
5	• Educação, formação e informação.
6	• Intercooperação.
7	• Interesse pela comunidade.

Fonte: OCESC (2022).

Através dos princípios, observa-se que o cooperativismo busca atuar ativamente na construção de um mundo mais humano, se preocupando com a comunidade e o próprio cooperado.

No Quadro 04 encontra-se as principais diferenças entre cooperativas e empresas mercantis:

Quadro 4 - Diferenças entre uma Cooperativa e uma Empresa Mercantil

	COOPERATIVA	EMPRESA MERCANTIL
1	<ul style="list-style-type: none"> • Sociedade simples, regida por legislação específica. 	<ul style="list-style-type: none"> • Sociedade de capital - ações.
2	<ul style="list-style-type: none"> • Número de associados limitado à capacidade de prestação de serviços, podendo, no entanto, ser ilimitado. 	<ul style="list-style-type: none"> • Número limitado de sócios.
3	<ul style="list-style-type: none"> • Controle democrático; cada pessoa tem um voto. 	<ul style="list-style-type: none"> • Cada ação - um voto.
4	<ul style="list-style-type: none"> • Objetivo: prestação de serviço. 	<ul style="list-style-type: none"> • Objetivo: lucro
5	<ul style="list-style-type: none"> • Assembléia - “quorum” baseado no número de associados. 	<ul style="list-style-type: none"> • Assembléia - “quorum” baseado no capital.
6	<ul style="list-style-type: none"> • Não é permitida a transferência de quotas-parte a terceiros. 	<ul style="list-style-type: none"> • É permitida a transferência e venda de ações a terceiros.
7	<ul style="list-style-type: none"> • Retorno dos resultados proporcional ao valor das operações. 	<ul style="list-style-type: none"> • Dividendo proporcional ao valor total das ações.

Fonte: OCB/SESCOOP (2022).

2.4 COOPERATIVISMO AGROPECUÁRIO

Registra-se que a contextualização econômica e política comprometeu drasticamente as cooperativas agropecuárias nos anos de 1980, de forma que a crise financeira constante no Brasil, na época, implicou em políticas rígidas, de maneira que o governo passou a implementar a ampliação da taxa de juros e o corte de gastos, o que ocasionou o desprezo do protecionismo estatal voltado às referidas cooperativas; ademais, em função da carência de estrutura organizacional adequada, foram diversos os empecilhos enfrentados pelas cooperativas nos anos de 1980 e 1990.

A estrutura formal do cooperativismo agrícola, no decorrer deste período, dava-se por quotas à parte, de forma que os associados decidiam de forma conjunta, por via de assembleias.

Destacam-se relevantes divergências, no que tange à tomada de decisão e às estratégias das empresas, das referidas organizações, consistindo em empresas de grande porte no âmbito do agronegócio, classificando-se em oligopsônios na compra e oligopólios na venda, sendo importante relatar que, ao passo em que as cooperativas continham interesses de cunho social, ocorrendo a participação dos agricultores, no sentido de aprimorar a sua

qualidade de vida, as empresas de natureza capitalista visavam a ampliação da lucratividade, sendo tal diferença relevante para compreender-se a razão através da qual ocorreu a obtenção de níveis de ampliação da agricultura superior aos demais setores nesta época, não ocorrendo, outrossim, a estabilidade financeira para boa parcela das cooperativas agropecuárias (GONÇALVES; VEGRO, 1994).

Ressalta-se, desta maneira, que empresas tidas como oligopsônios eram representadas por empresas comerciais, atuando como intermediária no processo de produção e consumo (GONÇALVES; VEGRO, 1994).

Os oligopsônios de venda, que são organizações com predomínio do capital produtivo e dependência com a supressão de insumos da agropecuária direcionados ao beneficiamento implicam no nível de industrialização da agricultura, de maneira que tais organizações apresentam relacionamento pautado por estabilidade com produtores agropecuários, comparando-se às organizações de capital comercial (GONÇALVES; VEDRO, 1994).

Todavia, é possível verificar que, nas circunstâncias adversas, tais empresas possuem o potencial de transferência de capital de giro ao mercado financeiro, apesar de haver limitações de liquidez nula do investimento promovido na planta industrial, ocorrendo o comprometimento da saída célere de um certo âmbito, sem que haja a representação de significativas perdas, afirmam Gonçalves e Vegro (1994).

Em função da característica endógena presente no processo de produção, tais empresas integradoras apresentam preocupações a respeito da eficiência dos produtores de matéria-prima. Entretanto, tal fator não compromete que tais organizações realizem procederem prejudiciais aos produtores rurais, em função da diminuição de custos e maximização da destinação dos seus recursos (GONÇALVES; VEGRO, 1994).

2.5 A IMPORTÂNCIA DO COOPERATIVISMO PARA A AGRICULTURA FAMILIAR

Zenaro, Schiochet e Gelinski Junior (2017), buscaram analisar o cooperativismo como alternativa de desenvolvimento social e econômico do segmento. Os resultados seguem a mesma visão de diversos artigos, sendo que o acesso dos associados aos meios de produção permite elevar a renda, a cooperativa promove uma agricultura diversificada e a adequação da produção ao meio rural, fortalecendo um conjunto de propriedades sustentáveis, permitindo a valorização do território, fomentando a inovação e a tecnologia, resultando em melhorias da qualidade para aumentar a competitividade.

As cooperativas são basicamente um conjunto de pessoas que se unem por um bem comum, esse método tem sido um dos precursores do desenvolvimento da agricultura familiar catarinense. A cooperativa permite a transformação do pequeno produtor em empresário rural, auxiliando no escoamento e comercialização da produção, além de agregar conhecimentos e melhorias para a produção e qualidade de vida, através de assistência técnica e financeira, podendo por fim aumentar sua rentabilidade, sendo de extrema importância no processo de desenvolvimento da região.

Ou seja, as Cooperativas foram uma solução trazida não apenas por um volume maior de produtos para a comercialização e melhores preços, mas também para que conhecessem novas tecnologias, e formas mais fáceis e práticas de se trabalhar, incentivando a agricultura familiar e diminuindo o êxodo rural, que se torna cada vez mais constante (COLETTI, 2005).

Coletti (2005) destaca que diversos produtores de pequeno porte, os quais realizam a agricultura familiar, são conduzidos à falência em tal período devido à impossibilidade da manutenção de políticas compensatórias estatais; ademais, a considerável ampliação do desemprego, no meio urbano, atuou no sentido de promover o aumento da quantidade de pessoas dispostas a pleitear melhorias em sua condição de vida.

Registra Schneider et al. (2004) que no Brasil, não havia, até o início dos anos de 990, políticas públicas específicas para o atendimento aos agricultores de pequeno porte; entretanto, em 1994, surgiu o Programa de Valorização da Pequena Produção Rural (PROVAP), o qual atuava com a utilização de recursos oriundos do Banco Nacional de Desenvolvimento (BNDES), de maneira que:

O PROVAP seria o embrião da primeira e mais importante política pública criada dois anos mais tarde e destinada aos agricultores familiares. Cabe frisar que, embora o PROVAP tenha tido resultados pífios do ponto de vista dos recursos aportados para os agricultores, sua importância consiste na transição que ali se inicia em direção a uma política pública diferenciada por categorias de produtores rurais. Deve-se lembrar, por exemplo, que até esta época, os pequenos agricultores eram enquadrados como “mini-produtores” pelas normas do Manual de Crédito Rural do Ministério da Agricultura, o que fazia com que tivessem que disputar recursos com os grandes proprietários, que historicamente foram os principais tomadores de crédito para agricultura. (SCHNEIDER et al., 2004, p. 03).

Desta maneira, ampliaram-se as discussões a respeito da ampliação da atuação dos pequenos agricultores, assim como ocorreu o desenvolvimento destas regiões mais pobres do Nordeste passaram a ser contempladas pelas políticas públicas, ocorrendo, desta maneira, o desenvolvimento do cooperativismo no seio da agricultura familiar.

2.6 A CONTRIBUIÇÃO DAS COOPERATIVAS NO ACESSO AOS MERCADOS PARA COMERCIALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO FAMILIAR

As cooperativas foram uma solução encontrada para que os pequenos agricultores conseguissem um valor diferenciado. A grande vantagem do cooperativismo é que se o agricultor fosse vender o produto isoladamente, teria pequeno poder de negociação, conseguiria um valor muito baixo no seu produto, enquanto a cooperativa juntando os produtos de vários agricultores de pequeno porte cria um grande poder de negociação e se consegue um preço melhor.

Em regime de Cooperativismo os pequenos produtores também conseguem comprar insumos, sementes e outros produtos com um preço menor pelo fato da grande quantidade que será negociada. Todo este dinheiro arrecadado é dividido corretamente entre os agricultores, e investido em melhorias na cooperativa, como por exemplo, novas técnicas, cursos e formas mais fáceis de trabalhar.

A agricultura familiar apresenta uma dinâmica diversa da agricultura comercial, de maneira que os aspectos da escala produtiva consistem em variáveis relevantes na introdução competitiva de mercados. Os estabelecimentos produtivos com escala de produção ampliada são propícios à comercialização de produtos com valores mais altos, negociando insumos com valor reduzido, o que amplia a lucratividade (ZENARO; SCHIOCHET; GELINSKI JUNIOR, 2017).

Todavia, o nível de representação da agricultura familiar, por vias das cooperativas, implica, de forma direta, na capacidade produtiva e na eficiente utilização de recursos que são escassos. Em tal realidade, o cooperativismo atua na agricultura familiar no sentido de lastrear o desenvolvimento sustentável, promovendo o incentivo ao setor, à geração de renda e à economia local (ZENARO; SCHIOCHET; GELINSKI JUNIOR, 2017).

2.7 COOPERATIVISMO AGROPECUÁRIO EM SC

A Tabela 01 demonstra um panorama do cooperativismo agropecuário catarinense entre os anos 2019 e 2021. Nota-se claramente que esse ramo do cooperativismo tem muitos aspectos que o tornam referência nacional.

Tabela 1 - Panorama do Cooperativismo Agropecuário em Santa Catarina 2019 - 2021 (*1.000,00)

Item	2019	2020	2021
Cooperativas	47	46	48
Cooperados	72535	73667	79698
Empregados	43337	48685	54069
Receitas totais *	R\$ 25.780.990,00	R\$ 34.460.367,00	R\$ 48.795.636,00
Sobras *	R\$ 1.137.167,00	R\$ 2.754.808,00	R\$ 2.443.813,00
Patrimônio Líquido *	R\$ 6.835.037,00	R\$ 9.061.854,00	R\$ 11.092.533,00
Impostos sobre a receita *	R\$ 1.815.861,00	R\$ 2.210.987,00	R\$ 689.822,00
Contribuições *	R\$ 477.013,00	R\$ 503.663,00	R\$ 705.909,00

Fonte: OCESC (2022).

Nos últimos anos, o cooperativismo agropecuário catarinense tem registrado crescimento importante sob todos os ângulos, destacando-se o número de cooperados, empregados, arrecadação de impostos, receitas e incremento de patrimônio líquido. Excelência na prestação de serviços, atenção para o cooperado e sua família e acuidade na gestão e profissionalismo são as tônicas do processo (OCESC, 2022).

2.8 CRAVIL

Em 1968 surgiram cinco pequenas cooperativas agropecuárias em Rio do Oeste, Ituporanga, Lontras, Pouso Redondo e Presidente Getúlio. Os responsáveis da época, pensando em unir forças e diluir custos resolveram unir-se. Essa fusão resultou na criação da Cooperativa Cravil em 15 de maio de 1971, com o objetivo de propagar a tecnologia que estava chegando, adquirir insumos de qualidade para os produtores e oferecer preços justos (CRAVIL, 2022).

Desde então, a Cravil vem expandindo para além mais regiões catarinenses, e atualmente conta com 4 mil cooperados, um quadro de 1000 colaboradores distribuídos em 55 unidades de 40 municípios de Santa Catarina, entre essas unidades 37 delas são lojas agrícolas e supermercados e 17 são unidades de recebimento de cereais e leite, além da fábrica de ração prontas para atender o homem do campo (CRAVIL, 2021).

A Cravil possui como missão promover o desenvolvimento econômico e social das famílias associadas, para isso ela realiza ações sociais específicas voltadas para crianças,

jovens e mulheres, sempre prezando pelo conhecimento, união e bem-estar familiar. Também realiza ações ambientais, de acordo com a CRAVIL (2022), a cooperativa:

[...] faz parte do Instituto Nacional de Processamento de Embalagens Vazias (INPEV) que atende 50 municípios da Bacia do Itajaí. A Associação promove o recolhimento das embalagens de agrotóxicos vazias com ações itinerantes em diferentes comunidades de cada município, faz a separação e dá a destinação correta dos materiais através de revendas parceiras.

Assim, é capaz de conscientizar produtores rurais com o descarte consciente de embalagem de agrotóxicos e promover o desenvolvimento sustentável.

Sabe-se que a região e a cooperativa são formadas principalmente por produtores pertencentes à agricultura familiar, que possuem o desafio de serem a cada dia mais eficientes, através desse conceito e seguindo o sétimo princípio do cooperativismo: Compromisso com a comunidade, a Cravil procura auxiliar os agricultores com palestras, cursos, treinamentos e o próprio dia de campo realizado uma vez ao ano, uma verdadeira escola ao céu aberto, são cinco hectares com diversas culturas plantadas para a implantação, experimentação e demonstração de novas tecnologias (CRAVIL, 2021).

Em uma cooperativa também não pode faltar liderança, e na Cravil não é diferente, ela possui um conselho deliberativo que se reúne uma vez por trimestre para decidir questões estratégicas e acompanhar detalhes sobre o andamento da cooperativa. Dentro deste conselho deliberativo está o conselho de administração, composto por um presidente, 4 vices efetivos e 4 suplentes que se reúnem uma vez por mês para tratar de assuntos administrativos. também tem o conselho fiscal, capacitado para fiscalizar toda a parte financeira. A Cravil ainda conta com os comitês educativos locais e conselhos de produção, somando-se aproximadamente 300 líderes, todos associados (CRAVIL, 2021).

3. METODOLOGIA DA PESQUISA

A metodologia utilizada inicialmente valeu-se de uma pesquisa bibliográfica sobre o cooperativismo, agricultura familiar e economia solidária, seguido da abordagem através de uma coleta de dados qualitativos por intermédio de um formulário estruturado aplicado junto aos cooperados da CRAVIL. O objetivo desta pesquisa foi analisar as opiniões dos cooperados em relação a associação a uma cooperativa agropecuária, se isso traz vantagens ao associado, aos familiares envolvidos na propriedade e na comercialização de sua produção.

A abordagem quanto à pesquisa bibliográfica segundo Marconi e Lakatos (2003, p. 298), “consiste na abordagem baseada em obras já existentes, relacionando a análise e interpretação conforme reconhecimento do assunto pertinente ao tema em estudo, e reunião sistemática do material contido em inúmeras obras desenvolvidas sobre o assunto discutido”. Já em relação à análise qualitativa, segundo Marconi e Lakatos (2022, p. 299), “objetiva obter uma compreensão particular do objeto que investiga como focaliza sua atenção no específico, no peculiar, seu interesse não é explicar, mas compreender os fenômenos que estuda dentro do contexto em que aparecem”.

Em relação à natureza, a pesquisa foi do tipo básica, por envolver verdades e interesses, e em relação ao fim de pesquisa foi de caráter descritivo, por expor características dos cooperados. Nesse tipo de pesquisa, segundo Andrade (2012, p. 112), “os fatos são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados, sem que o pesquisador interfira neles.”

Quanto aos procedimentos utilizados nesta pesquisa para a investigação, a modalidade escolhida foi a pesquisa de campo e a técnica a ser utilizada é um questionário com perguntas abertas. De acordo com Andrade (2012) uma pesquisa de campo tem como principal objetivo reconhecer e estar registrando dados sobre o assunto estudado. O propósito é identificar ponto de vista e determinar pelas respostas individuais os fatores que influenciam nas opiniões dadas.

A área de abrangência da pesquisa se limita à região do Alto Vale do Itajaí no município de Santa Catarina. O número de cooperados se dará por um cálculo amostral baseado no número total de cooperados que a Cooperativa Cravil possui na região. Segundo Marconi e Lakatos (2003, p. 223), “A amostra, porção ou parcela do universo, que realmente será submetida à verificação, é obtida ou determinada por uma técnica específica de amostragem”.

Para preservar a identidade dos entrevistados, bem como, evitar constrangimentos usaremos identificações padrões. Ao todo, foram entrevistados 80 associados de diferentes cidades da região do Alto Vale do Itajaí. No final, a pesquisa de campo foi relacionada com a pesquisa bibliográfica a fim de analisar os impactos da atuação da cooperativa na economia e no dia a dia do cooperado.

4. RESULTADOS DA IMPORTÂNCIA DAS COOPERATIVAS AGROPECUÁRIAS PARA OS PRODUTORES DO ALTO VALE DO ITAJAÍ

Este capítulo corresponde aos resultados da pesquisa, trazendo aos seus leitores a oportunidade de conhecer e entender um pouco mais sobre a importância do cooperativismo agropecuário no Alto Vale do Itajaí e como os associados percebem o desenvolvimento econômico e ambiental gerados pela cooperativa na Cravil na região.

4.1 PANORAMA DAS AÇÕES SOCIAIS E AMBIENTAIS REALIZADAS PELA CRAVIL

A cooperativa desenvolve ações que tem por objetivo contribuir para um meio ambiente sustentável, pois tem como referência o tripé da sustentabilidade. Segundo a CRAVIL (2022) essas ações compreendem:

1. Todas as unidades licenciadas, com investimento nas unidades armazenadoras de produtos químicos Estação de tratamento de efluentes.
2. Utilização da casca de arroz como fonte de energia para todas as unidades de beneficiamento de arroz com destinação correta das cinzas.
3. Estimula a utilização de alternativas de cultivo para a minimização de impactos ambientais como, por exemplo, a elevação de taipas na rizicultura.
4. Recuperação da mata ciliar.
5. Armazenamento de água da chuva.
6. Controle e limpeza dos efluentes sanitários, bem como, contrato com empresa que recolhe resíduos sólidos contaminantes com destinação correta, certificado de regularidade do Ibama e plano de gerenciamento de resíduos sólidos.
7. A Cravil faz parte do Instituto Nacional de Processamento de Embalagens Vazias (INPEV) que atende 50 municípios da Bacia do Itajaí. A Associação promove o recolhimento das embalagens de agrotóxicos vazias com ações itinerantes em diferentes comunidades de cada município, faz a separação e dá a destinação correta dos materiais através de revendas parceiras.
8. Redução de emissão de gases poluentes na atmosfera.
9. Energia renovável com o certificado do selo *Comerc-Sinerconsult*.

A Cravil trabalha também proporcionando o desenvolvimento da sociedade, tanto com os associados e suas famílias, como também com a comunidade em que a cooperativa está inserida.

Na tabela abaixo estão descritas as ações sociais que a cooperativa realizou, bem como, o público impactado:

Tabela 2 - Panorama das Ações Sociais da Cravil

AÇÕES SOCIAIS	INÍCIO	PARTICIPANTES
Cooperjovem	2002	5 Escolas
Jovens Cooperativistas	1995	200 Jovens
Mulheres cooperativista	1992	1000 Mulheres
Seminários	2012	100 Jovens
Dia de Campo	2005	4200 Pessoas

Fonte: Elaborado pela autora com base na CRAVIL (2022).

Os eventos com mulheres cooperativistas acontecem em fases microrregionais e estaduais. Já os projetos com crianças, jovens e adultos servem para discutir novas tecnologias, cidadania, política e agronegócio, incentivando sempre a dar continuidade na propriedade. Quanto a esses programas a Cooperativa Regional Agropecuária Vale do Itajaí tem por objetivo:

Despertar e reforçar nos educadores alunos e comunidade escolar a consciência sobre a cooperação, ao mesmo tempo em que mostra o cooperativismo como uma opção de geração de trabalho e renda. O programa Juventude Rural Cooperativista foi iniciado pela Cravil em 1995, desde então o trabalho pioneiro da cooperativa em parceria com grupos de jovens organizados nas comunidades é o de integrar e capacitar, incentivando a permanência desse jovem no campo e garantindo a sucessão familiar das propriedades rurais (CRAVIL, 2022).

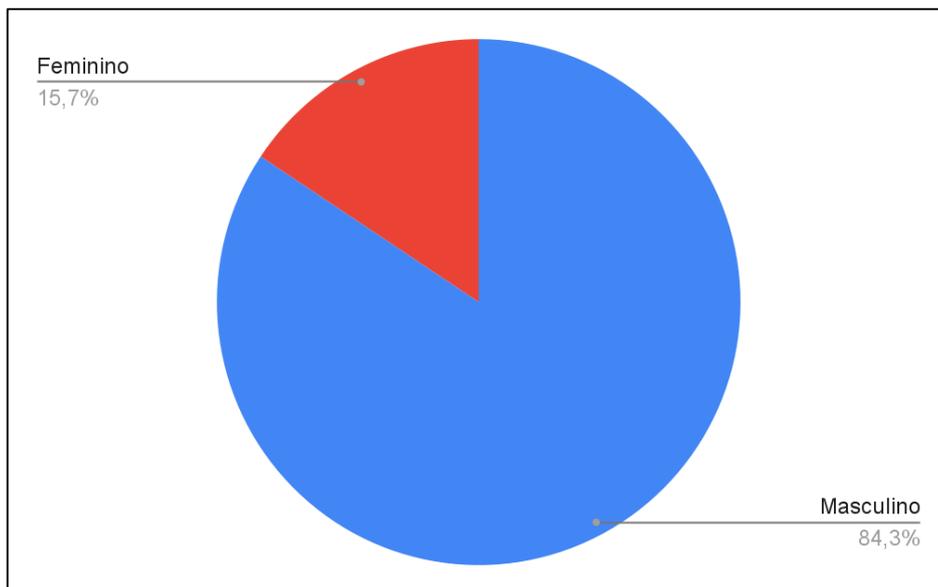
Portanto, a Cravil realiza muitas ações ligadas à responsabilidade ambiental e social, e que abrange crianças, jovens e adultos, buscando sempre melhorias com tecnologias, capacitações, integração, entre outros. Isso tudo para que as pessoas sintam-se motivadas para fazer parte da cooperativa, contribuir para o meio ambiente e para toda a comunidade em geral. Neste sentido, percebe-se a preocupação da Cravil na promoção do desenvolvimento da região de sua atuação.

4.2 RESULTADOS DO FORMULÁRIO APLICADO COM OS ASSOCIADOS DA CRAVIL

Com base no questionário aplicado, pretendeu-se levantar essa resposta e saber se de fato a Cravil contribui para o desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí. O questionário foi aplicado através do Google formulários, onde obtiveram-se 80 respostas. Procurou-se aplicar em todas as cidades da região, para que fosse possível compreender a realidade de cada local.

O Gráfico 1 demonstra o gênero das pessoas que responderam o formulário:

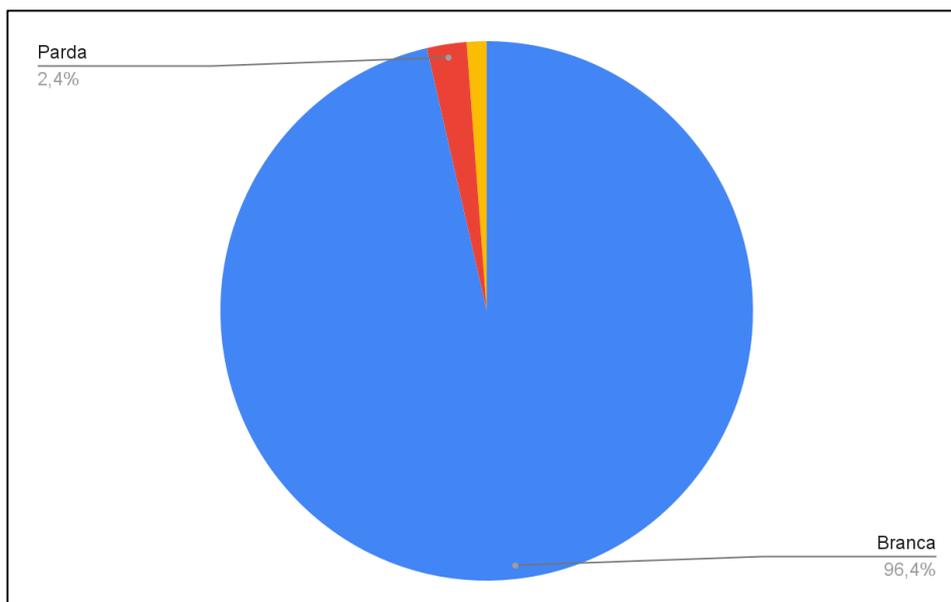
Gráfico 1 - Sexo dos Entrevistados



Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme demonstra o gráfico 1, podemos identificar que a grande maioria dos associados é do sexo masculino, representando 84,3% de respostas, enquanto o sexo feminino apenas 15,7%. Isso demonstra um pouco as características da estrutura decisória das famílias agricultoras da região, ainda fortemente marcadas pela figura masculina, que na maioria dos casos, coloca-se a frente do gerenciamento das propriedades agrícolas.

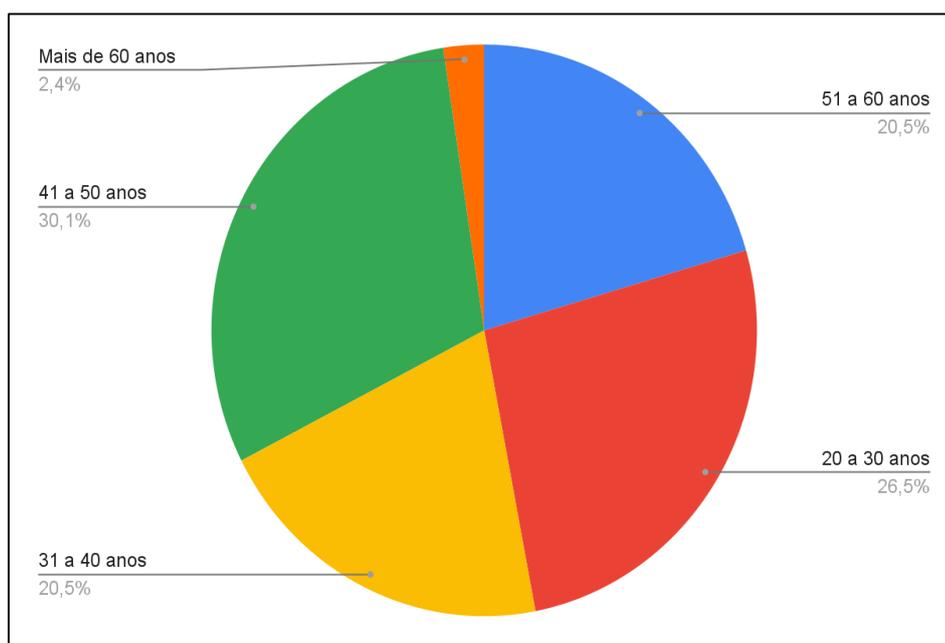
O Gráfico 2 indica a auto declaração de cor/raça dos entrevistados:

Gráfico 2 - Auto declaração de Cor/Raça dos Entrevistados

Fonte: Elaborado pela autora.

Referente a auto declaração de cor predomina a branca, essa predomina principalmente porque a região do Alto Vale do Itajaí foi colonizada por alemães, italianos e poloneses.

O Gráfico 3 refere-se a faixa etária dos cooperados:

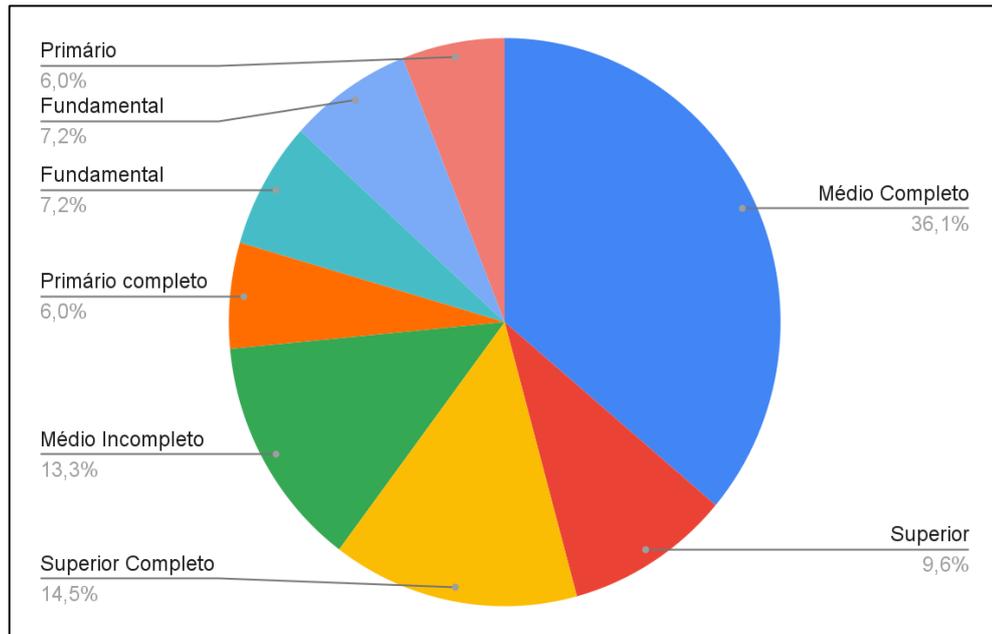
Gráfico 3 - Idade dos Entrevistados

Fonte: Elaborado pela autora.

Quanto a idade dos entrevistados, podemos identificar que 30,1% dos produtores associados possui idade entre 41 e 50 anos, já entre 20 e 30 anos corresponde a 26,5%, 31 a 40 anos e 51 a 60 anos representam 20,5% e apenas 2.4% acima de 60 anos.

O Gráfico 4 indica o nível de escolaridade dos associados:

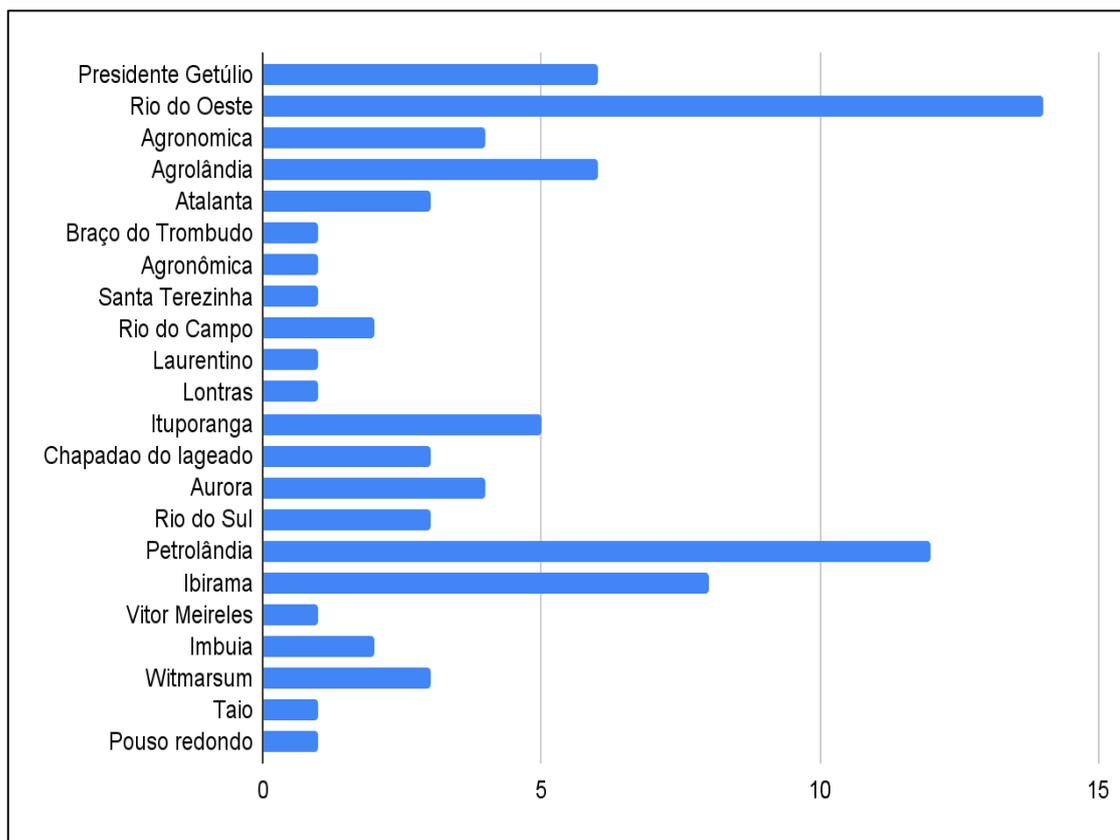
Gráfico 4 - Nível de Escolaridade dos Entrevistados



Fonte: Elaborado pela autora.

Analisando os dados, concluímos que 14,5% dos cooperados possuem ensino superior completo e 9,6% incompleto. Em relação ao ensino médio, 36,1% completaram e 13,3% não finalizou. 7,2% das pessoas que responderam o formulário também completaram o ensino fundamental e a mesma porcentagem não completou, mesma situação para o primário que 6% completou e o mesmo tanto não completou essas séries iniciais.

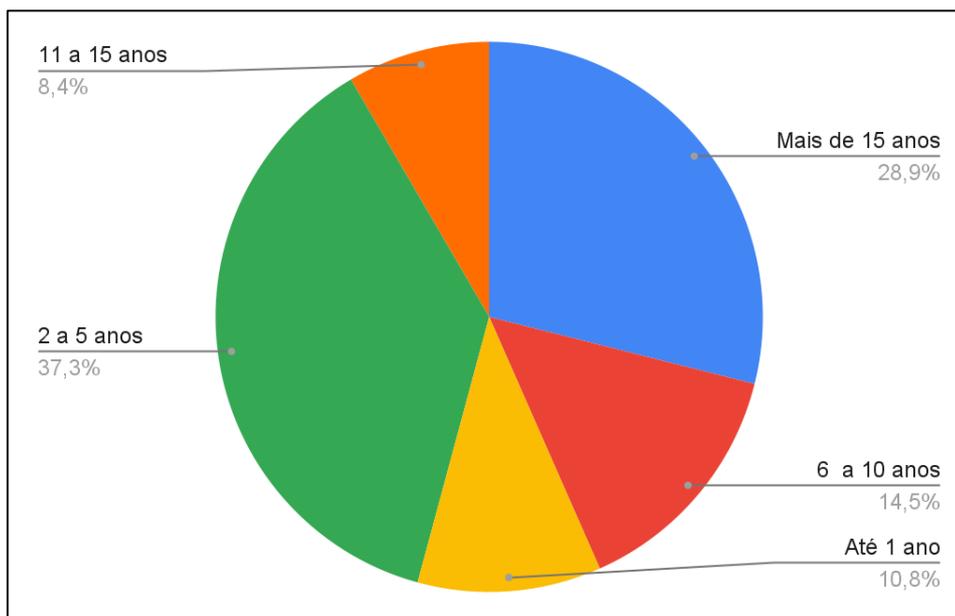
O Gráfico 5 a seguir demonstra quais as cidades da região do Alto Vale do Itajaí que os entrevistados residem:

Gráfico 5 - Município de Residência dos Entrevistados

Fonte: Elaborado pela autora.

Foi verificado que 14 associados da cooperativa que responderam o formulário residem em Rio do Oeste, 12 em Petrolândia e 8 em Ibirama. As cidades que se obteve menos respostas foi em Braço do Trombudo, Santa Terezinha, Agronômica, Laurentino, Lontras, Vitor Meireles, Taio e Pouso Redondo, ambas com apenas 1 resposta. Teve um total de 6 municípios que não obteve nenhuma resposta.

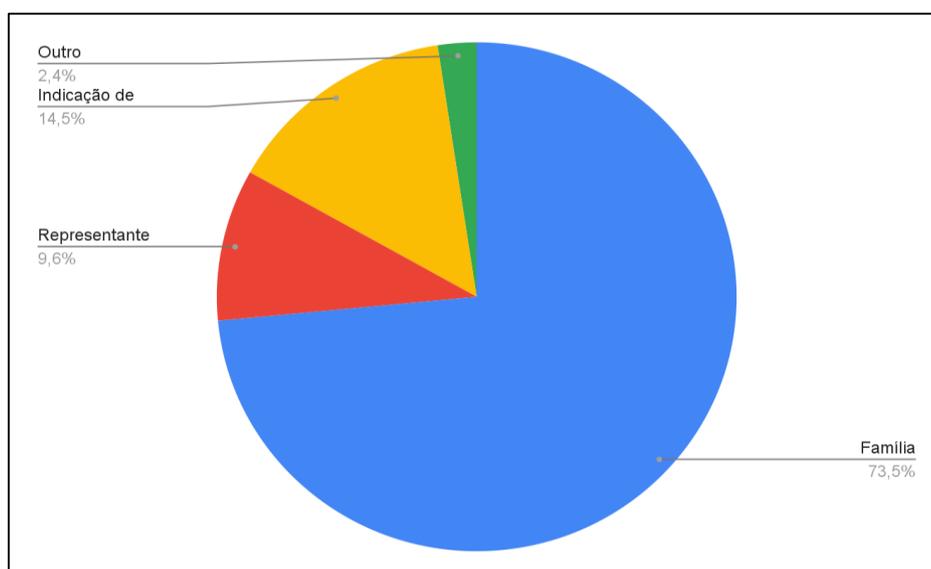
O Gráfico 6 demonstra o tempo em que o entrevistado é associado na Cravil:

Gráfico 6 - Tempo de Associação dos Entrevistados

Fonte: Elaborado pela autora.

No que se refere ao tempo de associação, temos que 37,3% das pessoas são associadas de 2 a 5 anos, 28,9% mais de 15 anos, 14,5% de 6 a 10 anos e, com menos relevância, temos aqueles que são associados há até 1 ano 10,8%. Por fim de 11 a 15 anos com um percentual de 8,04%, apenas. Importante destacar que, dos entrevistados, metade já é associado a Cravil por mais de 6 anos.

O Gráfico 7 indica a forma em que o associado soube da existência da Cravil:

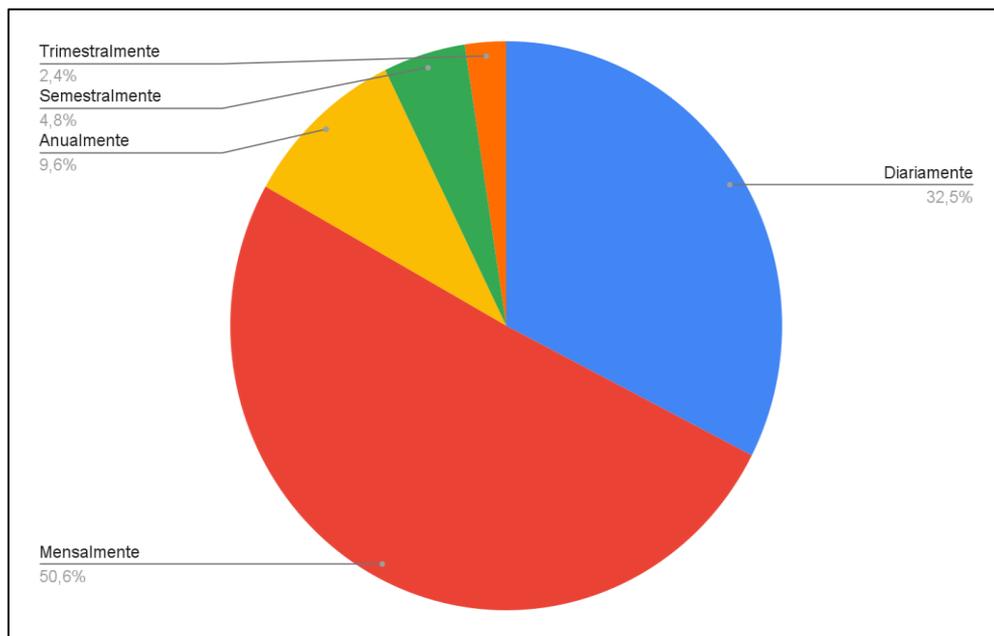
Gráfico 7 - Como o Entrevistado Soube da Cravil

Fonte: Elaborado pela autora.

Neste gráfico temos que 73,5% das pessoas conheceram a Cravil através de algum familiar, que provavelmente seria associado também. Isso corrobora com as características das propriedades da região, marcadas pela agricultura familiar, portanto, pela predominância dos graus de parentesco. Outros 14,5% conhecerem por conta da indicação de algum conhecido e 9,6% por meio de um representante da Cravil ou terceirizado. Por fim, apenas 2,4% foram por outros motivos.

Os produtos e serviços da Cravil podem ser considerados desde as compras nos mercados e lojas agrícolas, comercialização da produção ou até mesmo o atendimento de um técnico agrícola ou um veterinário. No Gráfico 8 podemos observar a frequência em que o cooperado utiliza esses meios:

Gráfico 8 - Frequência Que Utiliza Os Produtos/Serviços

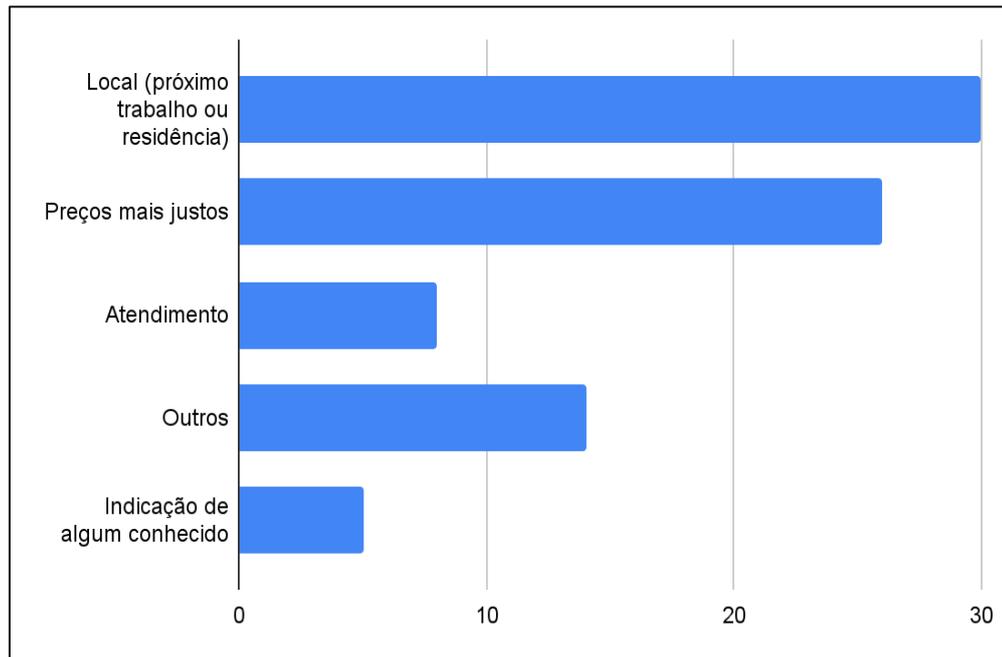


Fonte: Elaborado pela autora.

Neste caso, a grande maioria diz utilizar os produtos/serviços mensalmente, sendo 50,6%. Outra grande parte diz utilizar diariamente, em torno de 32,5%. Importante destacar o que mais de 80% dos cooperados entrevistados utiliza os serviços da Cravil frequentemente, o que também evidencia a sua importância no cotidiano destes agricultores. Poucos utilizam trimestralmente e semestralmente, já anualmente quase alcança os 10%, os quais procuram a Cravil principalmente para comercializar sua produção na época de safra.

Afim de saber por quais motivos fazem o entrevistado negociar com a cooperativa, foi elaborada tal pergunta e o Gráfico 9 demonstra os resultados:

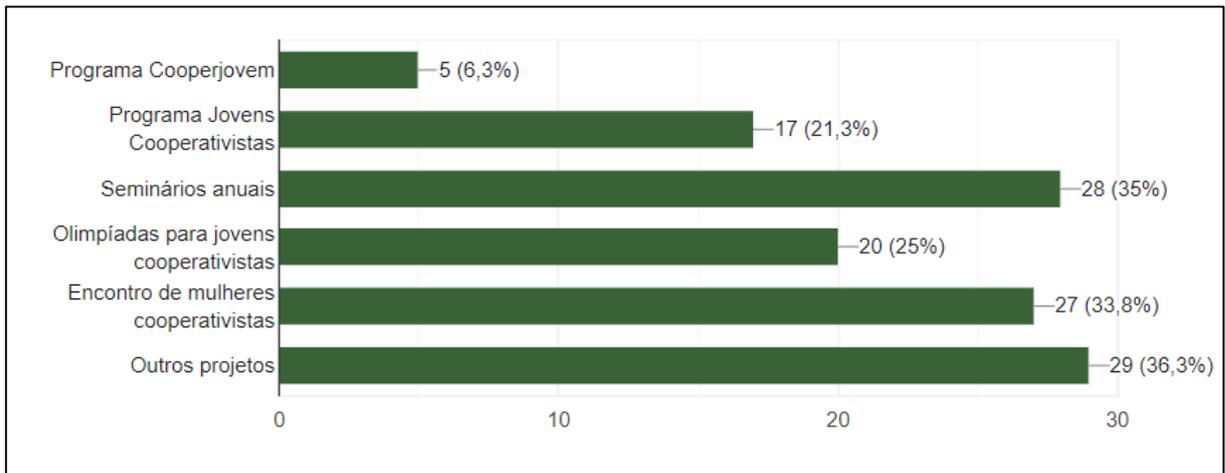
Gráfico 9 - Motivos que fazem o entrevistado negociar com a Cravil



Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com o gráfico, temos que 30 pessoas escolheram negociar com a Cravil por ela ser próxima de sua residência, 24 pessoas por acreditarem que a Cravil oferece preços mais justos tanto em suas mercadorias quanto na compra da produção agrícola. Outros 14 entrevistados possuem outros motivos, 8 pessoas votaram no atendimento dos funcionários e apenas 4 pessoas por indicação de conhecidos.

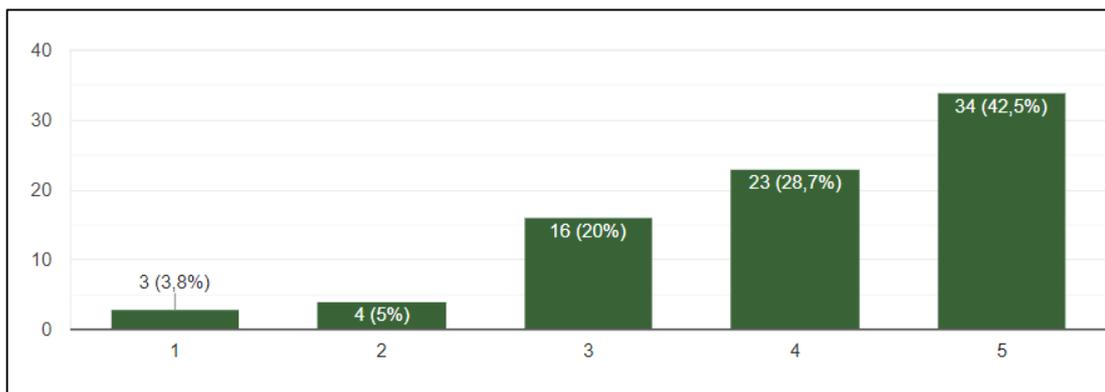
A cooperativa investe em projetos voltados para crianças, jovens e mulheres, auxiliando na integração da família e no desenvolvimento da sociedade, com isso buscou-se verificar se os associados ou seus familiares participavam de alguma ação promovida, que pode ser observado no Gráfico 10:

Gráfico 10 - Ações Sociais que o Entrevistado Participa ou participou

Fonte: Elaborado pela autora.

A cooperativa iniciou as ações voltadas às mulheres em 1992 e, reúne mais de mil delas em encontros que promovem a troca de experiências, de acordo com a pesquisa 27 pessoas participam desses eventos com mulheres. Também 28 dos entrevistados participam dos seminários anuais com o propósito de agregar conhecimento com as palestras e dinâmicas desenvolvidas. Outras 20 pessoas também responderam que elas ou algum familiar participaram das olimpíadas de jovens e 17 pessoas do programa jovens cooperativistas. Outras 5 pessoas participaram do programa cooperjovem implantado em escolas da região. E como maioria, tivemos a participação em outros projetos inseridos pela Cravil para a comunidade em geral, sendo 29 pessoas participantes.

O compromisso com a comunidade é um dos princípios mais importantes do cooperativismo e a Cravil sabe disso, por isso, ela oferece essas ações com o objetivo de unir os cooperados e buscar soluções para o desenvolvimento da comunidade. No Gráfico 11 temos a opinião dos associados:

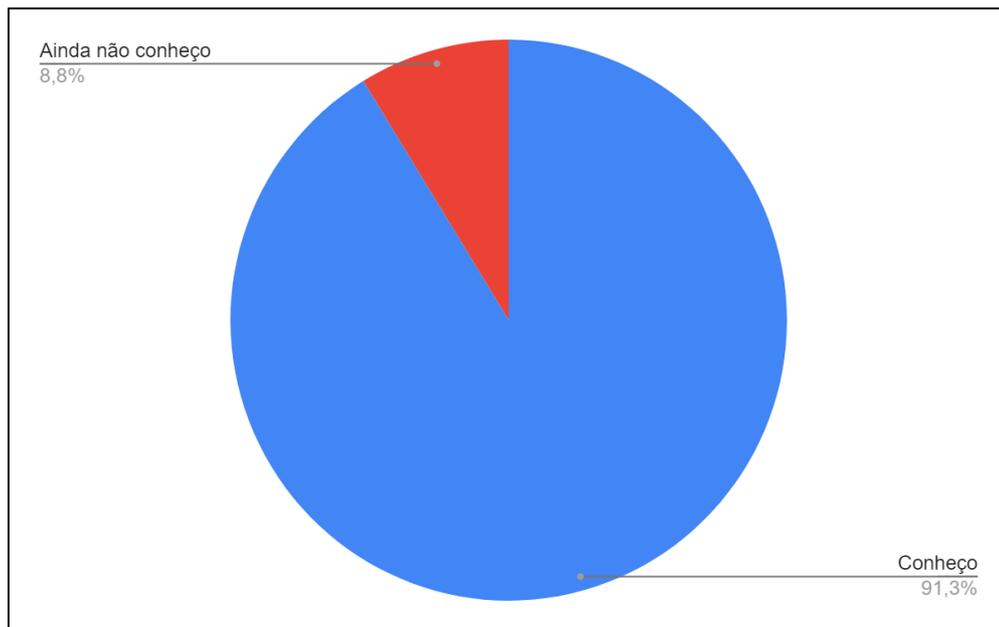
Gráfico 11 - Contribuição das Ações Sociais para o Desenvolvimento das Comunidades

Fonte: Elaborado pela autora.

Em uma escala de 1 a 5 (sendo 1 para “nada contribui” e 5 para “contribui bastante”), os entrevistados tinham o papel de avaliar se as ações sociais promovidas pela Cravil contribuem para o desenvolvimento das comunidades e 34 pessoas votaram na escala máxima, 23 pessoas votaram 4, 16 pessoas selecionaram o 3, apenas 4 pessoas deram escala 2 e 3 pessoas escala 1. Importante destacar que, cerca de 70% dos entrevistados consideraram ser relevante a relação entre as ações da Cravil e o desenvolvimento das suas comunidades.

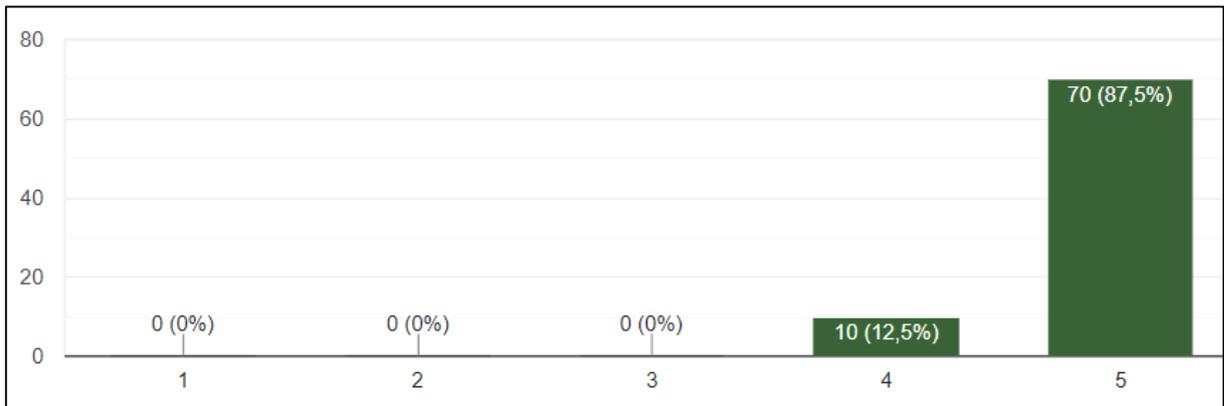
Tendo como referência o tripé da sustentabilidade, a Cravil vem desenvolvendo ações com objetivo de contribuir com a melhoria do meio ambiente. O gráfico 11 demonstra o conhecimento dos entrevistados sobre essas ações:

Gráfico 12 - Conhecimento das Ações Ambientais



Fonte: Elaborado pela autora.

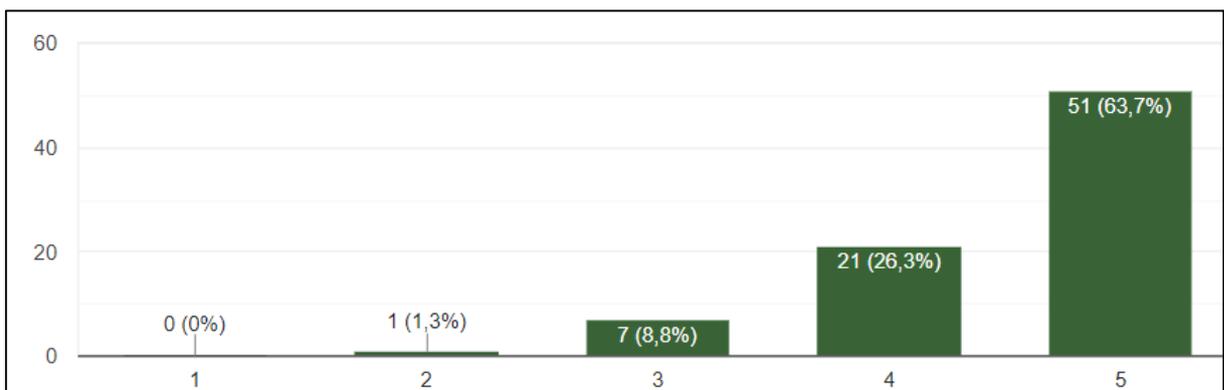
Podemos observar um grande conhecimento por parte dos entrevistados, pois 91,3% responderam que sim e apenas 8,8% disseram que não. A Cravil faz parte do Instituto Nacional de Processamento de Embalagens Vazias que atende diversos municípios da Bacia do Itajaí. Essa associação faz o recolhimento das embalagens de agrotóxicos vazias, faz a separação e a destinação correta. O Gráfico 13 demonstra a opinião dos entrevistados em relação a essas coletas e o meio ambiente:

Gráfico 13 - Contribuição das Coletas de Embalagens de Agrotóxicos para o Meio Ambiente

Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com os entrevistados, a coleta das embalagens vazias de agrotóxicos contribui para o meio ambiente, pois em uma escala de 1 a 5 (sendo 1 "nada contribui" e 5 "contribui bastante"), 70 pessoas votaram em 5 e apenas 10 votaram na escala 4, que ainda se torna uma ótima contribuição. Percebe-se que esta ação é relevante no âmbito do cuidado com o meio ambiente, a partir da visão dos cooperados.

A sustentabilidade serve como uma alternativa de garantia da sobrevivência dos recursos naturais do planeta. No Gráfico 14 está a opinião dos associados sobre as ações ambientais se contribuem para um desenvolvimento sustentável. Neste caso, deveriam escolher uma opção, na escala de 1 a 5 (sendo 1 "nada contribui" e 5 "contribui bastante):

Gráfico 14 - Contribuição das Ações Ambientais para o Desenvolvimento Sustentável

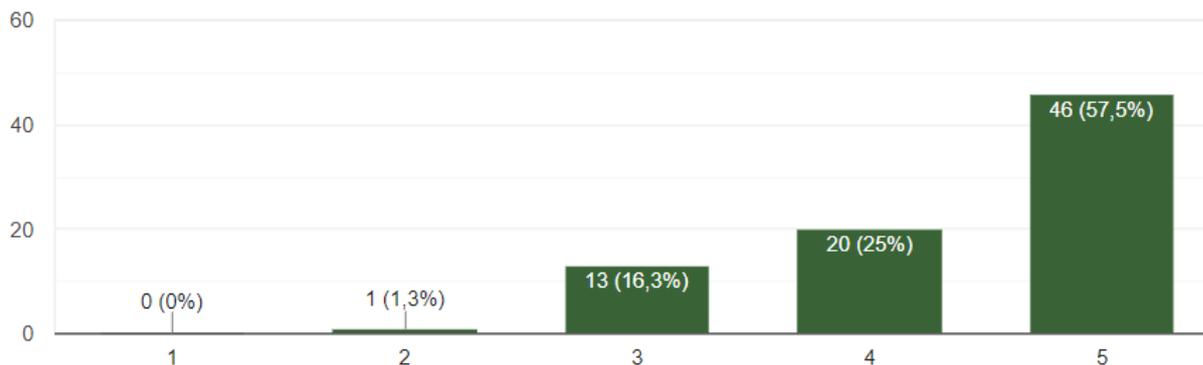
Fonte: Elaborado pela autora.

Segundo o gráfico, as ações muito contribuem para o desenvolvimento sustentável da comunidade, pois mais de 70 pessoas votaram na escala 4 e 5, apenas 8 pessoas marcaram a escala 3 e 2, nenhuma delas marcou a escala 1, considerada a que nada contribui. Estas

informações corroboram com a anterior, quanto a percepção dos cooperados sobre a ação de coleta das embalagens de agrotóxicos.

A Cravil conta com 17 Unidades de Produção para recebimento, armazenagem e beneficiamento de grãos, no Gráfico 15 avalia-se o nível de satisfação dos cooperados em relação à facilidade na hora de comercializar sua produção com a Cravil:

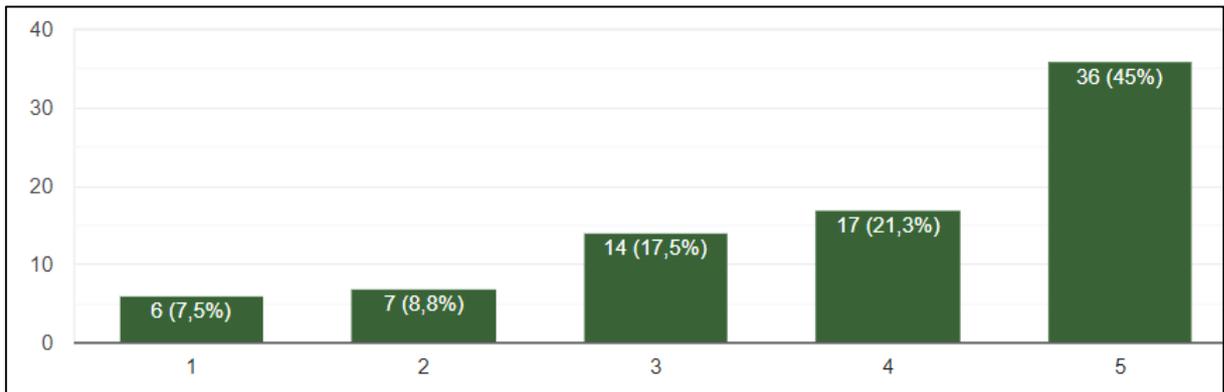
Gráfico 15 - Facilidade em Comercializar a Produção



Fonte: Elaborado pela autora.

Quando perguntados sobre o nível de contribuição da Cravil para a comercialização da produção agrícola (sendo 1 “em nada contribui” e 5 “muito contribui”), 46 pessoas dizem muito contribuir ser associado da Cooperativa na hora de comercializar sua produção. Outros 20 entrevistados assinalaram a escala 4, 13 na escala 3 e apenas uma pessoa disse que pouco contribui, assinalando a escala 2. Ressalta que, mais de 80% das entrevistas consideram muito relevante a contribuição da Cravil na comercialização de seus produtos. Ao contribuir de forma efetiva com a comercialização dos produtos da agricultura familiar, a Cravil cumpre papel importante no fortalecimento das propriedades e das comunidades.

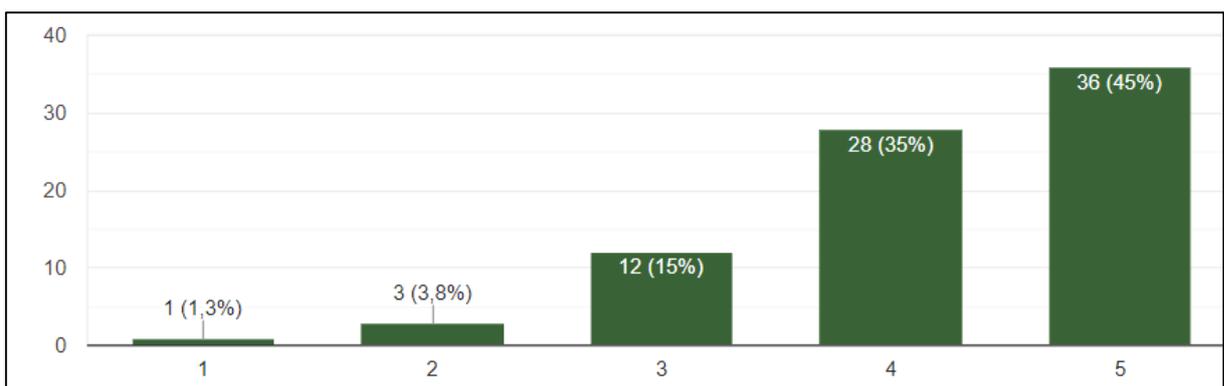
O próximo Gráfico, indica o nível de contribuição por ser cooperado e receber melhores preços na venda dos produtos. De forma análoga a pergunta anterior, nesta também os cooperados precisaram escolher entre uma escala de 1 a 5 (sendo 1 “em nada contribui” para conseguir melhores preços e 5 “muito contribui” para conseguir melhores preços):

Gráfico 16 - Preços Mais Justos por ser Cooperado

Fonte: Elaborado pela autora.

O preço de pagamento contribui muito por ser associado, pois 45% das pessoas marcaram a escola 5 e quanto apenas 6 pessoas estão insatisfeitas com o preço pago, marcando a escala 1. Importante dizer que 66% dos cooperados alcançam melhores preços no mercado devido a atuação da Cooperativa, o que é um indicativo do impacto positivo sobre os resultados financeiros da produção realizada nas propriedades.

As cooperativas agropecuárias vêm trazendo resultados positivos para a economia e a agricultura do País, com a Cravil não poderia ser diferente. O Gráfico 17 analisa o nível de contribuição da Cravil para o desenvolvimento da agricultura na região (sendo 1 “em nada contribui” e 5 “muito contribui”):

Gráfico 17 - Contribuição da Cravil para o Desenvolvimento da Agricultura na Região

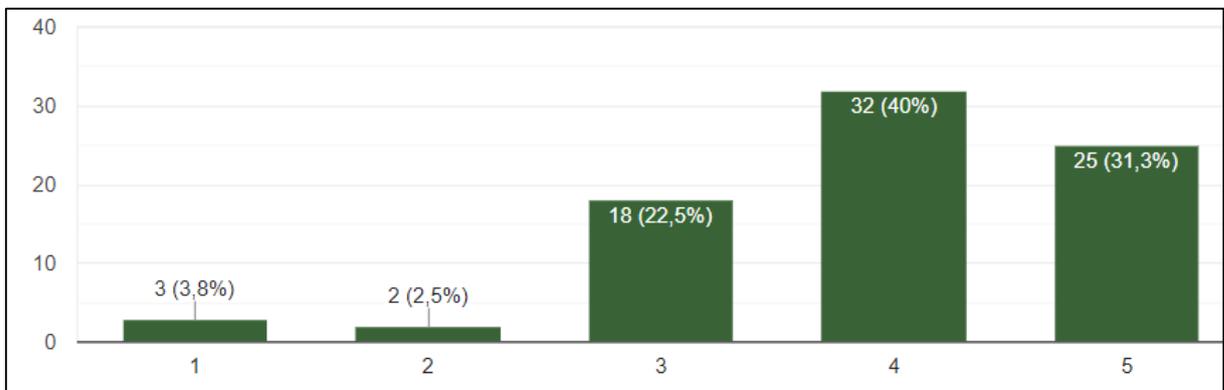
Fonte: Elaborado pela autora.

Na microrregião do Alto Vale do Itajaí, a Cravil se destaca na hora de beneficiar a agricultura da região, segundo 45% dos entrevistados a contribuição dela é significativa e apenas 1 pessoa diz ela não contribuir nada para esse desenvolvimento. Ao somar as notas 4 e 5, evidencia-se que 80% dos cooperados percebem impacto diretos das ações da Cravil no

desenvolvimento da agricultura na região do Alto Vale do Itajaí.

A Cravil objetiva tanto o crescimento econômico, como também promover as necessidades ambientais e sociais da comunidade em geral, procurando inovar seus departamentos de maneira ética para atender a todos os associados, colaboradores, consumidores e comunidade. O Gráfico 18 traz o grau de contribuição do cooperativismo no desenvolvimento das comunidades, desde o ponto de vista dos entrevistados (sendo 1 “em nada contribui” e 5 “muito contribui”):

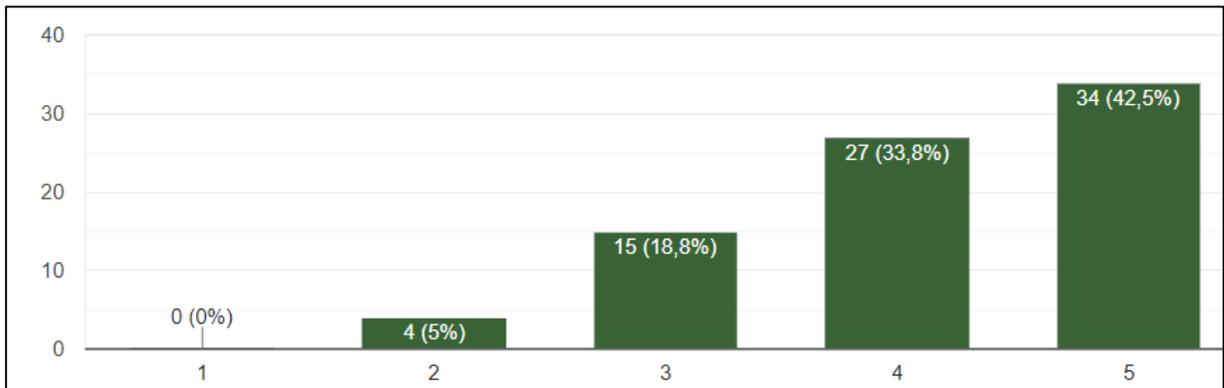
Gráfico 18 - Contribuição do Cooperativismo Agropecuário para o Desenvolvimento das comunidades



Fonte: Elaborado pela autora.

É importante destacar que neste gráfico a maioria não deu escala máxima, ou seja, 40% dos entrevistados assinalaram 4 para o nível de contribuição da Cravil para o desenvolvimento das comunidades, nota-se que pode ser até um incentivo para a cooperativa focar mais nesse contexto. Teve-se ainda outras 25 pessoas que colocaram a escala 5, onde muito contribui. São mais de 70% que percebem um impacto significado do cooperativismo agropecuário para o desenvolvimento das comunidades. Outras 18 pessoas na escala 3, 2 pessoas na escala 1 e 3 pessoas disseram que nada contribui.

O cooperativismo nasceu como um instrumento de desenvolvimento socioeconômico e como uma possível forma de aliviar efeitos de crises, contribuindo para a redução das desigualdades. Hoje a Cravil conta com diversos programas que englobam um objetivo comum: o desenvolvimento econômico. De acordo com o Gráfico 19, pode-se observar o apoio da Cravil para esse crescimento em relação a opinião dos entrevistados (sendo 1 “em nada contribui” e 5 “muito contribui”):

Gráfico 19 - Contribuição das Cravil para o Desenvolvimento Econômico

Fonte: Elaborado pela autora.

O gráfico apresenta que 42,5% dos entrevistados indicaram um grau de grande contribuição, enquanto 33,8% e 18,8% das respostas indicaram escalas 4 e 3 respectivamente. Apenas 5% dos entrevistados marcaram a escala 2 que pouco contribui. Parcela relevante dos entrevistados (76%) consideram a contribuição da Cravil relevante para o desenvolvimento econômico.

Por meios dos dados coletados observou-se com relação ao perfil dos cooperados, que a maioria deles é do sexo masculino, e o tempo de cooperados na Cravil, na maioria é de mais de 2 anos. Sendo que a grande maioria dos cooperados utiliza os serviços e os produtos mensalmente isso mostra que o fluxo de cooperados frequente.

Como objetivo da pesquisa, esperávamos que os entrevistados da região do Alto Vale do Itajaí avaliassem o modelo cooperativista e suas vantagens para o cenário da comunidade. Este objetivo foi alcançado com sucesso. Através das perguntas enviadas por meio de um formulário online para alguns produtores, percebemos o real interesse e satisfação deles no tema Cravil.

A cooperativa diretamente ajuda na melhor colocação do produto no mercado consumidor, oferece incentivos e preços mais justos, contribui para o desenvolvimento sustentável e social da comunidade que está inserida e ainda investe na profissionalização e integração de crianças, jovens e mulheres. Os ganhos com o cooperativismo na região seriam enormes mesmo que, ao olhar de alguns entrevistados as vantagens não sejam tão evidentes.

5. CONCLUSÃO

O presente trabalho foi realizado com o intuito geral de analisar a importância do cooperativismo agropecuário para o desenvolvimento da região do Alto Vale do Itajaí no período recente, a partir da ótica dos associados da Cravil, mais especificamente analisar a relação entre cooperativismo agropecuário, a sociedade e o desenvolvimento econômico. Contextualizar historicamente como a Cravil iniciou suas atividades e compreender contribuição do cooperativismo agropecuário para o desenvolvimento da agricultura familiar a partir da percepção dos cooperados.

A partir do estudo exposto, é imprescindível ressaltar que, ele alcança seus objetivos ao apresentar a importância do cooperativismo agropecuário na região do Alto Vale do Itajaí, pois conseguiu esclarecer a importância da cooperação, assim como foi possível elencar os pontos positivos da mesma e, o quanto ela, através do setor agropecuário vem ganhando espaço no meio rural. Dessa forma, o cooperativismo agropecuário, vem sendo construído e constituído como um dos meios de promover a socialização e a junção de pessoas, além de possibilitar a inserção significativa no mercado de trabalho, e gerando resultados benéficos.

Ainda nesse contexto, se tratando da região do Alto Vale do Itajaí, foi possível identificar as influências que esse cooperativismo exerce no desenvolvimento e crescimento da região, de maneira que busca também expor e tratar com fundamental importância o início das atividades agropecuárias, e a partir de que momento elas se tornaram tão indispensáveis para o setor agropecuário da localidade.

Para que fosse possível o crescimento do cooperativismo agropecuário na região do Alto Vale do Itajaí, houve um processo histórico que contribuiu diretamente para tal fator, e no caso dessa comunidade, foi por meio da fundação da Cravil.

A fundação da Cravil foi de suma importância para que o cooperativismo agropecuário surgisse e crescesse na região, pois a cooperativa teve desde sua criação, a missão de poder ajudar as famílias associadas da região a se desenvolver economicamente, além de se preocupar com os valores ambientais e sociais daquela comunidade. A partir da Cravil, ficou-se entendido que o cooperativismo se tratava do bem-estar e da reunião das pessoas, visando essa junção, e esse “agregar” das mesmas como sua principal prioridade, e não o capital, não somente os lucros. Dessa forma, começou a acontecer avanços prósperos que envolviam um grupo cada vez maior de pessoas, e saindo assim gradativamente do foco individualista.

Portanto, compreende-se que, a região do Alto Vale do Itajaí, foi sendo uma das beneficiadas no setor de agronegócio, à medida que com o surgimento de uma cooperativa que visava a agricultura familiar e a mão de obra dos pequenos proprietários rurais. Foi-se, assim, propiciando o significativo aumento do cooperativismo na região, através de um trabalho mútuo que gerou desenvolvimento e crescimento, sem perder a essência da agricultura e propiciando uma produção cada vez maior, com melhor qualidade de vida entre as pessoas e, promovendo conexões entre os moradores e proprietários associados, juntamente com suas famílias.

Pelo que analisamos das entrevistas podemos perceber a importância que foi a criação da cooperativa Cravil para os agricultores, e os benefícios que ela gera para eles, pois obtivemos um parecer positivo nos dados. Maior parte dos associados indicaram escala máxima, concordando que a cooperativa ajuda na melhor comercialização da sua produção, oferecendo preços mais justos, contribuindo para o desenvolvimento socioeconômico, atendendo às necessidades ambientais, econômicas e ainda investindo na profissionalização e integração de crianças, jovens e mulheres.

Por fim, cabe ressaltar a importância dos estudos voltados na área do cooperativismo, bem como, a relação do cooperativismo agropecuário na região do Alto Vale do Itajaí com o desenvolvimento. Sem contar as parcerias que podem ser estabelecidas entre governos, universidades e cooperativas para melhoramento da gestão, e fortalecimento das comunidades.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 10 ed. São Paulo, SP. Grupo GEN, 2012.
- BENATO, João Vitorino. **O ABC do Cooperativismo**. São Paulo: Instituto de Cooperativismo e Associativismo ICA-OCESP, 1994.
- BRASIL. Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006. **Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11326.htm. Acesso em: 24 out. 2022.
- CENZI, Nerii Luiz. **Cooperativismo: desde as origens ao projeto de lei de reforma do sistema cooperativo brasileiro**. Curitiba: Juruá, 2009. 141 p. ISBN 9788536225203.
- COLETTI, Claudinei. **A trajetória política do MST: da crise da ditadura à crise neoliberal**. 2005. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.
- COSTA, Ana Alexandra Vilela Marta Rio. Agricultura sustentável I: Conceitos. **Rev. de Ciências Agrárias**, v. 33, n. 2 - Lisboa, 2010.
- CRAVIL. **A história da cooperativa**. Disponível em: <https://www.cravil.com.br/cooperativa/historia>. Acesso em: 06 mar. 2022.
- FARIAS, Cleuza Maria. GIL, Marcelo Freitas. **Cooperativismo**. Pelotas: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia; Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria. Colégio Técnico Industrial de Santa Maria; Rede e-Tec Brasil, 2013.
- FÁVERI, José Ernesto de; KROETZ, Marilei; ALEXANDRINI, Fábio. **O Alto Vale do Itajaí e a ideologia do desenvolvimento regional: concepções e análises**. Blumenau, SC: Nova Letra, 2012. 296 p. ISBN 978-85-7682-727-6.
- FEIJÓ, Ricardo Luis C. **Economia Agrícola e Desenvolvimento Rural**. Grupo GEN, 2010. 978-85-216-1986-4.
- FÓRUM BRASILEIRO DE ECONOMIA SOLIDARIA. **Carta de Princípios de Economia Solidária**. Disponível em: <https://fbes.org.br/2005/05/02/carta-de-principios-da-economia-solidaria>. Acesso em: 24 nov. 2022.
- FRANTZ, Walter. **Associativismo, cooperativismo e economia solidária**. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2012. 162 p.
- GAIGER, Luiz Inácio; LAVILLE, Jean-Louis. **Economia Solidária**. In: Pedro Hespanha (Org). **Dicionário Internacional da Outra Economia** - Coimbra: Almedina, 2009.
- MARCONI, Marina De Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARCONI, Marina De Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. Rio de Janeiro, RJ. Grupo Editorial Nacional, 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS. **Anuário do cooperativismo brasileiro**. Disponível em: <https://anuario.coop.br>. Acesso em: 20 out. 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS/SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM DO COOPERATIVISMO. **Cooperativismo: primeiras lições**. Disponível em: <http://www.ocbmt.coop.br/TNX/storage/webdisco/2009/12/28/outros/f2acdd6df5f27518fd2c908db92a1275.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2022.

PASQUALOTTO, Nayara; KAUFMANN, Marielen Priscila; WIZNIEWSKY, José Geraldo. **Agricultura familiar e desenvolvimento rural sustentável**. 1. ed. Santa Maria, RS. UFSM, NTE, 2019. Disponível em: https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/358/2019/09/MD_Agricultura-_Familiar.pdf. Acesso em 19 de junho de 2022.

PINHO, D. **Gênero e Desenvolvimento em Cooperativas: Compartilhando Igualdade e Responsabilidade**. Brasília: Organização Cooperativa Brasileira – OCB, 2002.

SCHNEIDER, José Odelso; HENDGES, Margot; SILVA, Antonio Cesar Machado da (Coord). **Educação e capacitação cooperativa: os desafios no seu desempenho**. São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 2010. 131 p. ISBN 9788574313740.

SCHNEIDER, Sergio. **Agricultura familiar e desenvolvimento rural endógeno: elementos teóricos e um estudo de caso**. In: Froehlich, J.M.; Vivien Diesel. (Org.). **Desenvolvimento Rural - Tendências e debates contemporâneos**. Ijuí: Unijuí, 2006. Disponível em: <https://www.ifibe.edu.br/arq/2015081315271368961277.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2022.

SILVA, Marcelo Kunrath; MARQUES, Paulo Eduardo Moruzzi (Org.). **Políticas Públicas e Participação Social no Brasil Rural**. Porto Alegre, 2004. p. 21-50.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. 1. ed. São Paulo. Editora Fundação Perseu Abramo, 2002. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/wp-content/uploads/2018/04/Introducao-economia-solidaria-WEB-1.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2022.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **Raízes históricas do campesinato brasileiro**. In: TEDESCO, J. C. (Org.). **Agricultura familiar: Realidades e Perspectivas**. Passo Fundo: EDIUPF, 1999. p. 23-56. Disponível em: www.unifal-mg.edu.br/geres/files/Texto%205.pdf. Acesso em: 19 jun. 2022.

ZENARO, Marcelo; SCHIOCHET, Valmor; GELINSKI JUNIOR, Eduardo. **Cooperativismo como alternativa de fortalecimento da agricultura familiar: a cooperativa de pequenos agricultores de Videira e Iomerê**. Unoesc&Ciência, Joaçaba, v. 8. jan./jun.2017. Disponível em: <https://www.ifibe.edu.br/arq/2015081315271368961277.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2022.

ANEXOS**APÊNDICE 1 - Formulário aplicado junto aos cooperados da CRAVIL na região do Alto Vale do Itajaí.**

1. Sexo:
 Masculino Feminino Não desejo informar

2. Autodeclaração de cor/raça:
 Branca Preta Parda Amarela Indígena Não desejo informar.

3. Qual a sua idade?
 até 19 anos
 20 a 30
 31 a 40
 41 a 50
 51 a 60
 mais de 60 anos

4. Você estudou até:
 Nunca estudei (analfabeto)
 Primário incompleto
 Primário completo
 Fundamental Incompleto
 Fundamental Completo
 Médio Incompleto
 Médio Completo
 Superior Incompleto
 Superior Completo

5. Em qual cidade do Alto Vale do Itajaí você mora?

6. Há quanto tempo o(a) senhor(a) é associado à cooperativa Cravil?

Até 1 ano 2 a 5 anos 6 a 10 anos 11 a 15 anos Mais de 15 anos

7. Como você ficou conhecendo a Cooperativa Cravil?

Representante Indicação de conhecido Família Outro

8. Com que frequência você utiliza os serviços ou produtos da Cooperativa?

- Diariamente
- Mensalmente
- Trimestralmente
- Semestralmente
- Anualmente

9. O que faz com que você escolha a Cooperativa para iniciar uma negociação?

- Preços mais justos
- Local (próximo trabalho ou residência)
- Indicação de algum conhecido
- Atendimento
- Outros

10. Você ou alguém da sua família já participou de alguma das ações sociais promovidas pela Cravil?

- Programa Cooperjovem
- Programa Jovens Cooperativistas
- Seminários anuais
- Olimpíadas para jovens cooperativistas
- Encontro de mulheres cooperativistas
- Outros projetos

11. Em uma escala de 1 a 5, quanto você considera que os eventos sociais contribuem para o desenvolvimento das comunidades.

- 1
- 2
- 3
- 4

() 5

12. Você conhece as ações ambientais promovidas pela Cravil?

() Conheço

() Ainda não conheço

13. Em uma escala de 1 a 5, quanto você considera que as ações ambientais promovidas pela Cravil contribuem para o desenvolvimento sustentável.

() 1

() 2

() 3

() 4

() 5

() Não sei responder.

14. Ser cooperado da Cravil contribui para comercializar minha produção agrícola (sendo 1 em nada contribui e 5 muito contribui)

() 1

() 2

() 3

() 4

() 5

15. Consigo preços melhores na venda de meus produtos por ser cooperado da Cravil (sendo 1 em nada contribui e 5 muito contribui)

() 1

() 2

() 3

() 4

() 5

16. Em uma escala de 1 a 5, o quanto a Cravil contribui para o desenvolvimento da agricultura na sua região?

() 1

() 2

() 3

() 4

() 5

17. Percebo o relacionamento do cooperativismo agropecuário com o desenvolvimento da minha comunidade. (sendo 1 em nada contribui e 5 muito contribui)

() 1

() 2

() 3

() 4

() 5